

## 5. ἹΕΡΑ ΓΡÁΜΜΑΤΑ – LOCUÇÃO FUNCIONAL E ECLESIAL

### 5.1. ἹΕΡΑ ΓΡÁΜΜΑΤΑ – DIVERSIDADE DE FUNÇÕES

O valor da expressão Ἱερὰ Γράμματα corresponde ao valor das Pastorais. As Epístolas Pastorais sempre obtiveram da Igreja, independente do debate da autoria, a devida estima canônica por seu valor pastoral, eclesial, e espiritual. Os cristãos, ao longo da História, fizeram usufruto do seu conteúdo como palavra de Deus para sua formação e organização:

“A Igreja, canonizando as cartas, era certamente influenciada pela reivindicação da autoria paulina, mas o critério predominante para sua aceitação era provavelmente o seu uso. Para o bem ou para o mal, e resguardados das circunstâncias da sua origem ou da intenção do autor, essas cartas provam ser úteis para a igreja na luta pela auto-preservação e auto-definição”.<sup>331</sup>

A locução *Hiéria Grammata*, existindo dentro do contexto literal e vivencial das Cartas Pastorais, concentra e reflete em si a eficácia pastoral dessas Cartas. Como as orientações das Pastorais são úteis e necessárias à sobrevivência das comunidades cristãs, igualmente é o conteúdo semântico da expressão “Sagradas Escrituras” para edificação do povo de Deus. Esta é uma dentre as possíveis intenções do autor: demonstrar a relevância das Escrituras Sagradas para o *ser* igreja, seja ao judeu-cristão ou ao gentio-cristão.<sup>332</sup> Para tanto, ele não se deteve

---

<sup>331</sup> “The church, in canonizing the letters, was certainly influenced by claim of Pauline authorship, but the prevailing criterion for their acceptance was probably that of use. For good or for ill, and regardless of the circumstances of their origin or their author’s intent, these letters proved useful to the church in the struggle for self-preservation and self-definition” (BASSLER, J. M. *1 Timothy, 2 Timothy, Titus*, p. 21). “O texto das Pastorais, que, para os cristãos, é sagrado e inspirado (prescindindo da sua atribuição ou não a Paulo, pois a canonicidade não está ligada à autenticidade), tem um valor intrínseco e autônomo, e como tal deve ser lido e interpretado”. (FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, pp. 212-213).

<sup>332</sup> “... o sentido básico religioso e espiritual do Antigo Testamento tinha o propósito de alimentar a vida religiosa do povo judeu, o que os judeus ali encontraram como sustento espiritual é algo que pode e deve nutrir também a espiritualidade cristã – mesmo deixando de lado qualquer consideração ou nuança cristológica proveniente da doutrina do Novo Testamento. Em outras palavras, o sentido canônico judaico do Antigo Testamento não é sem relevância para leitores cristãos da primeira parte da Palavra escrita de Deus” (FITZMYER, J. A. *A Bíblia na Igreja*, p. 51). “A Igreja, em peregrinação para o seu fim eterno, sente com muita intensidade a sua comunhão com o antigo Israel, que já se considerou povo em peregrinação, para aceitar o Antigo Testamento como livro

em fazer abstrações, “não se preocupa em fundamentar e interpretar teologicamente a Igreja, mas deseja que a sua natureza, como ele a vê, se traduza, concretamente, em doutrina e disciplina”.<sup>333</sup> Esta tradução concreta em doutrina e disciplina pode também ser entendida como definição de identidade e finalidade da sua missão. Neste sentido, a expressão Ἱερὰ Γράμματα é funcional no projeto do autor sagrado (hagiógrafo) e do autor divino. Com seu conteúdo simbólico e semântico inspirados por Deus [θεόπνευστος] a expressão carrega em si a palavra e a missão proféticas para a igreja de Éfeso: para denunciar e destruir o falso conhecimento; para anunciar a tradição de fé e construir a identidade cristã da Comunidade (cf. Jr 1,9).

### 5.1.1. Ἱερὰ Γράμματα – Função Apologética<sup>334</sup>

O texto bíblico resume a situação do seguinte modo: “E todos que quiserem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (3,12). O conteúdo da unidade C (2,14–4,5), contexto global da perícopa, é marcado por termos de conotação beligerante,<sup>335</sup> pois há o perigo real do desânimo espiritual, pior, da apostasia, pondo em risco a igreja de Éfeso.<sup>336</sup> Um dos motivos centrais da crise são os falsos ensinamentos que, com efeito, desviam a comunidade da verdade

---

seu. Sendo assim, como poderíamos nós desinteressar-nos dele?” (SCHREINER, J. (Ed.). *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*, p. 451).

<sup>333</sup> SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G. *Forma e Exigências do Novo Testamento*, p. 165.

<sup>334</sup> “Apologia”: a) *Semântica geral*: indica a razão, a causa (*apó*) pela qual algo foi dito (*legō*) para justificar ou defender, entre outras coisas, uma convicção religiosa. b) *Exame bíblico*: o lexema *apolog-* aparece 5 vezes no AT (ex., em Jr 12,1 traduz o verbo רִיב [rīb] usado em contexto judiciário); 18 vezes no NT, usado sobretudo por Paulo e Lucas no *Sitz im Leben* da jovem igreja, no choque social do ambiente pagão e no conflito religioso com os judeus (Lc 12,11; At 22,1; 1Cor 9,3; 2Tm 4,16); c) *relevância*: “o léxico apologético é funcional para o movimento missionário” (cf. LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. *Dicionário de Teologia Fundamental*, verbete “apologia”, pp. 84-85)

<sup>335</sup> “contendas”, “perdição” (2,14), “impiedade” (2,16), “gangrena” (2,17), “desviar e arruinar” (2,18), “iniquidade” (2,19), “discussões e rixas” (2,23), “opositores” (2,25), “laço do diabo” (2,26), “momentos difíceis” (3,1), “egoísmo, ganância, presunção, soberba, difamação, rebeldia, ingratidão, sacrilégio, sem coração, implacável, calúnia, incontinência, desumanidade, inimigo do bem, traição, insolência” (3,2-4); “cheias de pecado” (3,6), “resistem a verdade, mente corrompida, reprovadas quanto à fé” (3,8), “insensatez” (3,9), “perseguições e sofrimentos” (3,11-12), “maus, impostores e enganadores” (3,13), “provações” (4,5). Esta cadeia negativa é apresentada nos sumários e resenhas de diversos pesquisadores como ROBERT, A.; FEUILLET, A. (Dir.). *Introducción a la Biblia*, tomo segundo, p. 475; Bortolini cria sua estrutura em termos de “conflito”, cf. BORTOLINI, J. *Como Ler a Segunda Carta a Timóteo*, pp. 12-13; Frabis segue a linha da “polêmica”, em FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 224; cf. LÄPPLE, A. *Bíblia – Interpretação Atualizada e Catequese*, v. 3, p. 225; HANSON, A. T. *The Pastoral Letters*, p. 75; LEVORATTI, A. J. *Comentario Bíblico Latinoamericano*, p. 1028.

<sup>336</sup> Cf. YOUNGBLOOD, R. F. (Ed.). *Dicionário Ilustrado da Bíblia*, p. 1411.

(3,7-8.13; 4,3). Neste bloco literário Paulo não se contenta em apenas listar as polêmicas intra-eclesiais. Vai além. Ele insere uma exortação para funcionar como bússola na tempestade das falsas idéias, concedendo a Timóteo um norte a seguir. A bússola é o próprio texto (3,14-17). O contexto literário próximo, anterior e posterior são, por assim dizer, o *locus theologicus* da perícope.

“O capítulo 3 desta carta a Timóteo [um composto da unidade C] é uma defesa contra os perigos dos finais dos tempos. Na aurora do recrudescimento do mal (vv. 1-5), ocupada por falsos doutores (vv. 6-9.13; cf. 4,3-4), perseguição contra aqueles que crêem no Cristo (v. 12). O ensinamento e exemplo de Paulo (vv. 10-11) e o contato com a Santa Escritura permitirão a Timóteo ‘aprender a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Jesus Cristo’, a refutar os falsos doutores e a educar com justiça”.<sup>337</sup>

Como a unidade C (2,14-4,5) expõe as adversidades pastorais e teológicas da igreja de Éfeso, o risco do arrefecimento espiritual e do desorar doutrinal, Paulo, então, dedica a perícope ao tópico das Ἱερὰ Γράμματα, enquanto instrumento orientador da tradição de fé para defender a Comunidade contra o sincretismo e esoterismo do gnosticismo. A fé, aqui, é aquela expressa por toda a Escritura inspirada por Deus e através Jesus Cristo (2Tm 3,15-16 – 1Tm 1,14; 3,9.13; 6,12; 2Tm 1,13; 3,15; 4,7), e não a ilusão gnóstica: “elas não servem para nada, a não ser para perdição dos que as ouvem” (2Tm 2,14).

Não se pode afirmar com segurança absoluta que os gnósticos e seus ensinamentos estavam estruturalmente instalados na comunidade cristã de Éfeso.<sup>338</sup> Contudo, não é exagero afirmar que as idéias gnósticas difundidas nas comunidades da Ásia<sup>339</sup> contrastavam com o que o autor denominou como “bom

<sup>337</sup> “Le chapitre 3 de cette lettre met Timothée en garde contre les perils des derniers temps. Il y aura recrudescence du mal (vv. 1-5), activité de faux docteurs (vv. 6-9); cf. 4,3-4), persécutions contre ceux qui veulent croire dans le Christ (v. 12). L’enseignement et l’exemple de Paul (vv. 10-11) et le contact avec la Sainte Écriture permettront à Timothée ‘d’apprendre la sagesse qui conduit au salut par la foi en Jésus-Crist’, de réfuter les faux docteurs et d’éduquer dans la justice (vv. 14-17)” (DORNIER, P. *Les Épîtres Pastorales*, p. 227).

<sup>338</sup> Essa possibilidade aumenta no séc. II, cf. LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, p. 257.

<sup>339</sup> A igreja em Éfeso não era a única vítima das idéias gnósticas; o mesmo ocorre na comunidade de Colossos: “O autor da carta aos Colossenses, mesmo penetrando com profundidade surpreendente no campo das concepções gnósticas, sabe-se firmemente ligado à fé apostólica (1,23). Ele distingue claramente entre a doutrina da fé transmitida (2,7) e a sabedoria humana (φιλοσοφία:2,8), mostrando assim o juízo que faz da nova doutrina (...) Era, portanto inevitável o choque da gnose com a fé cristã (...) o perigo da gnose para fé cristã era muito grande” – segundo Schreiner o gnosticismo insere a idéia de que a “terminologia judaica do Antigo Testamento” é insuficiente para fé pascal (SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G., *Forma e Exigências do Novo Testamento*, p. 376-378).

depósito” (2Tm 1,12.14), incluindo neste depósito as Sagradas Escrituras.<sup>340</sup> Contraditoriamente, aquele suposto conhecimento (gnose), torna-se autêntico desconhecimento da própria origem (Deus), do próprio fim (Jesus Cristo), em uma palavra, ignorância da própria identidade por rejeitar as *Hiéra Grammata* e parte de seu conteúdo doutrinal, rivalizando-a e relativizando-a tanto de modo específico como abrangente: negando ou pelo menos questionando a soberania do Deus dos patriarcas, atestada pelas Escrituras (2Tm 2,19; Gn 15,1; 17,1-3); negando toda tradição de fé, ensinada nas Escrituras (2Tm 1,3; 2,8; 3,8; Dt 5,32-6,17);<sup>341</sup> negando a ressurreição, conforme as Escrituras (2Tm 2,18; 1Cor 15,3-4);<sup>342</sup> negando o bem e a beleza da criação, atestada pelas Escrituras (1Tm 2,13; 4,4; Gn 1,1.27.31);<sup>343</sup> negando o próprio Antigo Testamento – as Sagradas Escrituras. Bultmann consegue enquadrar o conceito mais extremo e perigoso dessa doutrina para o cristianismo de modo sintético e lúcido no que denominou de “gnose radical”:

“A gnose não é primeiro um fenômeno intraeclesialístico, intracristão, que se pode caracterizar como uma teologia cristã especulativa sob influência de uma tradição filosófica grega – como ‘helenização aguda’ da fé cristã, conforme opinou uma vez Harnack. Ela tem suas raízes numa piedade dualista de redenção que penetrou a partir do oriente gentílico, e é, em seu todo, um fenômeno paralelo ou corrente à religião cristã (...) Em todo caso, já bem cedo existia uma gnose cristã que em sua forma radical, rejeitava totalmente o AT e que assim representa o extremo das possibilidades (...) O AT com sua lei é, de acordo com isso, ou a manifestação antiquada de um Deus subordinado (...) Em todo caso, ele não tem mais validade para o cristão”.<sup>344</sup>

A explicação plausível, então, à presença da expressão Ἱερὰ Γράμματα é um ambiente tendencioso a excluir da vida da comunidade cristã esta herança

<sup>340</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 10.

<sup>341</sup> “Ao sincretismo religioso dos judeus da Ásia, que deturpa profundamente o caráter do Antigo Testamento, Paulo opõe um sincretismo ‘literário’ que conserva o valor fundamental do cristianismo” (CERFAUX, L. *O Cristão na Teologia de Paulo*, p. 564).

<sup>342</sup> “A ressurreição provou que Jesus de Nazaré era o Messias dado por Deus a seu povo; com toda evidência esta situação de fato deveria ter sido anunciada pelo Antigo Testamento, que tendia para o Cristo. Donde a necessidade de perscrutar neste sentido as Escrituras” (CERFAUX, L. *Cristo na Teologia de Paulo*. pp. 66-67).

<sup>343</sup> O gnosticismo “considerava este mundo tão distorcido que não poderia ser criação de Deus”; este raciocínio já estava bem evoluído no séc. II, mas em germe no I (BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 510; 528). “A luta espiritual do cristianismo para responder a essas indagações desafiou a Igreja a formular com mais clareza sua doutrina sobre a criação, o homem e a salvação a fim de contestar o ensinamento gnóstico” (LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, p. 251).

<sup>344</sup> BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*, pp. 157-158.

religiosa-espiritual e, propagar, com o tempo, as escrituras gnósticas;<sup>345</sup> se não é o motivo cabal é, com certeza, o perigo principal, já que sem as Escrituras perde-se o fundamento e a identidade da fé cristã.<sup>346</sup> O conflito com os falsos doutores não se resume a simples divergência ideológica, mas perigo real<sup>347</sup> de perder todo o trabalho missionário fundado nas Escrituras:<sup>348</sup> a perda dos fundamentos resulta em perda de identidade, cristã e eclesial; não há compreensão da identidade de igreja – cristianismo – sem a compreensão da identidade ou natureza da *Hiéra Grammata*. Portanto, a exortação μένε ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης [permanece no que aprendeste e creste] significa em concreto permanecer nas Escrituras conhecidas e apreendidas [τὰ ἱερὰ γράμματα οἶδας], o que faz sentido dentro do quadro existencial da comunidade. É uma questão de fidelidade.

O motivo da expressão, repetindo, reside no combate em defesa da tradição de fé e da identidade cristã contra o gnosticismo ou algo bem próximo a ele; pois, os cristãos de Éfeso devem estar “preparados para responder [ἀπολογία] as razões da vossa esperança a todo aquele que pedir” (1Pd 3,15), mediante τὰ Ἱερὰ Γράμματα inspiradas por Deus e “útil para o ensino, para persuasão, para correção, para educação na justiça” (v. 16).

As Pastorais descrevem esta luta de maneira direta: “Timóteo, guarda o depósito, evita (...) as contradições de uma falsa ciência [γνώσεως]” (1Tm 6,20); e indireta: “Tu, porém, permanece no que aprendeste e creste (...) as Sagradas Escrituras conheces [οἶδας]” (2Tm 3,14-15). É o embate de γνώσις [gnōsis] x οἶδα [oida], mas este último não é “falsa ciência”, ao contrário, tem “poder de dar sabedoria para salvação” [δυνάμειά σε σοφίσαι εἰς σωτηρίαν], pois vem das Sagradas Escrituras. O valor das Escrituras é ser para igreja – de Éfeso e de hoje –

<sup>345</sup> “a Gnose não se cansa em produzir um escrito depois do outro, afirmando reproduzir discursos do ressuscitado” (JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*, p. 429).

<sup>346</sup> “Ao reler as verdades cristãs, codificadas nas Escrituras, à luz desse mito, o gnosticismo tornou-se um dos maiores perigos para a fé cristã, constituindo-se numa questão de vida ou morte para o cristianismo – o perigo residiu no fato de o gnosticismo se apresentar como um aperfeiçoamento do cristianismo, numa complementação da revelação contida nas Escrituras, válida, esta, somente para os neófitos. Um bom cristão, pela gnose, mergulharia no mistério de Deus e obteria dele novas e mais profundas revelações” (BRIGHENTI, A. *O Gnosticismo na Igreja Antiga e na Atualidade*, p. 626, cf. nota 2; rever GOPPELT, nota 218; SCHREINER e DAUTZENBERG, nota 313; BULTMANN, nota 318).

<sup>347</sup> Sobre tais ensinamentos relativos aos conhecimentos místéricos e que tipo de ambiente causavam, Cerfaux explicita que “a inquietações de Paulo não era sem motivo: seus cristãos da Ásia corriam um verdadeiro perigo (...) a estas tendências sincretistas que ameaçavam suas igrejas” (CERFAUX, L. *O Cristão na Teologia de Paulo*, p. 544).

<sup>348</sup> Ver infra 3.3.2, c, pp. 52-53; 5.1.2., p. 103, cf. notas 380 e 381.

um meio de Deus para permanecer fiel à sua identidade, na tradição de fé em Deus dos patriarcas, profetas e apóstolos “através da fé no Cristo Jesus” (15 b).

A expressão Ἱερὰ Γράμματα é um símbolo da fidelidade à tradição de fé e uma arma para combater o bom combate da fé. Por ter poder [δυνάμεινά] e força sagrada [ἱερὰ] as Sagradas Escrituras podem conferir a Timóteo e à comunidade aqueles instrumentos necessários à sua sobrevivência cristã, como exorta o texto de Efésios:

“fortalecei-vos no Senhor, no poder de sua força, revesti-vos da armadura de Deus, para que possais [δύνασθαι] resistir às ciladas do diabo [διαβόλου] (...) protegei-vos com a armadura de Deus, a fim de que possais resistir no dia mau, e assim, empregando todos os meios, continueis firmes. Ficai, pois, de prontidão, tendo a verdade como cinturão, a justiça [δικαιοσύνης] como couraça e os pés calçados com zelo em anunciar a Boa-Nova da paz. Em todas as circunstâncias empunhai o escudo da fé [πίστεως] com o qual podereis [δυνήσεσθε] apagar todas as flechas incendiadas do Maligno. Enfim, ponde o capacete da salvação [σωτηρίου] e empunhai a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (6,10-11.13-15).

Vale notar que os elementos capitais contidos na passagem de Efésios estão, também, literalmente presentes na Segunda Carta e na perícopes (3,14-17), confirmando e conformando, diacrônica e sincronicamente, a função combativa do texto e da expressão.<sup>349</sup> As Ἱερὰ Γράμματα é para o líder Timóteo poder e força de Deus, a armadura de Deus, o cinturão da verdade, a couraça da justiça, o escudo da fé através de Cristo Jesus (v. 15 b), o capacete da salvação (v. 15 b), enfim, é a espada do Espírito, pois toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para defender a comunidade cristã dos falsos mestres e seus ensinamentos diabólicos (gnósticos) que dividem a igreja de Éfeso: “Com brandura, ele deve instruir [παιδεύοντα] os opositores, pois talvez Deus lhes conceda que se convertam, reconheçam a verdade e voltem à sensatez, livrando-se do laço do diabo [διαβόλου], que os apanhou e sujeitou à sua vontade” (2Tm 2,25-26); a Escritura é útil para tal tarefa, porque “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a persuasão, para a correção, para a educação na justiça [παιδείαν τὴν ἐν δικαιοσύνῃ]” (3,16). A Escritura é útil [ὠφέλιμος], a Escritura é dinâmica.

### 5.1.2. Ἱερὰ Γράμματα – Função Dinâmica e Kerigmática

O fator predominante da função dinâmica das Escrituras é que ela é uma força sagrada em forma de “gravação humana” [γράμματα / γραφ-],<sup>350</sup> com todas as conseqüências para si e para a Comunidade que a interpreta.<sup>351</sup> Alhures, verificou-se que *gramma* e *sēper* têm alguns pontos semânticos em comum fora do convencional, de interesse para a identidade e a missão cristãs. *Sēper* em seu radical semítico ספר [spr] e acadiano evidencia o sentido de “partir de viagem – ação de enviar” (movimento, ação); algo semelhante, não idêntico, acontece com *gramma*, já que ela explicita tanto o “produto da ação” (o escrito) como “a própria ação” de gravar,<sup>352</sup> a similitude nos vocábulos, por mínima que seja, acontece por não expressar uma idéia estática, mas uma dinâmica, movimento e ação. A dinâmica aferida aqui é a dinâmica da linguagem literária – dinâmica literária –<sup>353</sup> contida naturalmente na locução Ἱερὰ Γράμματα, que, por sua vez, refere-se sobretudo à versão grega *Septuaginta*, como foi explicado acima e será explicitado abaixo.

A dinâmica do conceito *grammata*, possivelmente, pode ser ὠφέλιμος πρὸς [útil para] orientar o discernimento eclesial frente às novidades teóricas e o impulso missionário. É útil porque a igreja primitiva, como as Escrituras, é filha do seu tempo,<sup>354</sup> está em peregrinação na História constantemente sujeita a

<sup>349</sup> Fabris vê “certa tendência da gnose” e suspeita que a comunidade cristã e seus grupos corram “o risco de ser influenciados pelas especulações míticas e esotéricas” (FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, pp. 136 e 141).

<sup>350</sup> Cf. infra, 3.1.1., p. 34 ss.

<sup>351</sup> “um escrito bíblico é todo obra de Deus e obra do homem. Assim se explicam as diferenças entre os livros bíblicos na composição e no estilo. Os diferentes tipos de imperfeições que se notam nos escritos provêm do trabalho do escritor humano, cujos particulares a inspiração não destrói. Como se vê, existe uma tensão, notável dualidade, do humano e do divino das Sagradas Escrituras” (BAUER, J. B. *Dicionário de Teologia Bíblica*, v. 1, p. 352).

<sup>352</sup> Cf. COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, p. 686. Cf. infra, p. 45, nota 123.

<sup>353</sup> “Encontramos língua literária na Sagrada Escritura? A maior parte do AT e parte do Novo pertencem a este nível da linguagem [os outros são *comum* e *técnico*]. Nos dois sentidos antes expostos: os autores sagrados trabalham com língua literária preexistente e, sob ação do Espírito Santo, desenvolvem a sua própria língua literária. Esse fato, que tem importância relativa para a inspiração, é de enorme transcendência para a hermenêutica (...) Por ser uma realidade de linguagem literária, a Sagrada Escritura pode possuir riqueza e plenitude (...) Como língua literária, ela valoriza substancialmente as palavras, nelas subsistindo e por elas se atualizando” (SCHÖKEL, L. A. *A Palavra Inspirada: A Bíblia à Luz da Ciência da Linguagem*, pp. 111-112).

<sup>354</sup> “o autor inspirado, como filho de seu tempo, escreve a história à maneira do seu tempo (...) A verdade divina na Bíblia nos é transmitida por homens, os quais, embora estando sob o influxo da inspiração divina, permaneciam homens de seu tempo; e é somente através desta realidade huma-

mudanças; destarte, faz uso da liberdade da linguagem, do movimento da linguagem humana para interpretar o hoje, se renovar, e, de novo, “partir em viagem”:

“os textos bíblicos têm às vezes um *aspecto dinâmico*; seu sentido transcende suas circunstâncias históricas precisas, as quais podem estar abertas a um ‘desenvolvimento’ (...) Assim, o sentido literal do texto escrito tem de ser considerado aberto a esses outros significados e foi preservado na comunidade dos fiéis precisamente por causa disso”.<sup>355</sup>

A versatilidade das Escrituras [Γράμματα] não é invenção da Segunda Carta a Timóteo. É algo tão inerente a ela que demonstrava certa eficiência de adaptação antes do cristianismo. Vide o esforço de Filon e Josefo para atualizar a história do seu povo e se fazer entender a partir das Escrituras.<sup>356</sup> Filon de Alexandria é um pensador que almeja além da “letra” [*gramma*], o que ele quer é o sentido de Deus [*hiérōn*] contido na dinâmica das Escrituras [*grammatōn*]. É a junção do filósofo com o judeu devoto. Para ele, a alegoria é expressão da perspectiva dinâmica, de sua capacidade em se adequar.<sup>357</sup> Em Flávio Josefo ocorre algo semelhante. Ele deseja explicar as escolhas e princípios do seu povo, à vontade de se fazer entender, “a dissipar mal-entendidos” não pelas armas,<sup>358</sup> mas pela pena e o diálogo, interpretando a história do seu mundo com o apoio das Escrituras Sagradas: “em correspondência com os escritos veterotestamentários”.<sup>359</sup> Esta abertura ao diálogo mediante as Escrituras denota, primeiramente, a capacidade “natural” das Escrituras em ir além dos seus limites históricos para continuar sua dinâmica – “sua viagem” – na história humana. Se Filon e Josefo obtiveram um

---

namente condicionada que nos é possível ter acesso à verdade de Deus” (BAUER, J. B. *Dicionário de Teologia Bíblica*, v. 1, p. 353).

<sup>355</sup> FITZMYER, J. A. *A Bíblia na Igreja*, p. 79. “As duas palavras fundamentais, a palavra da Aliança e a palavra profética, não são algo fechado e imutável; são dotadas, ao contrário, de uma força dinâmica, tendente à dilatação do seu significado e do seu poder (...) Uma vez reconhecida como Escritura, a palavra passa a exercer uma dinâmica própria e requer ‘comentários’” (Alonso-Schökel em SCHREINER, J. (Ed.). *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*, p. 23; 25). Simian-Yofre fala de “processo dinâmico” (SIMIAN-YOFRE, H. (Coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 23).

<sup>356</sup> Cf. em 3.2.2., p. 42 ss.

<sup>357</sup> “Filo considera a Lei uma autoridade inviolável, mas sente-se profundamente devedor da herança da filosofia grega, procurando harmonizá-la com a lei de Moisés (...) Na explicação do Pentateuco, Filo orienta-se pelo texto bíblico grego, interpretando-o com o método alegórico, desenvolvido sobretudo pela filosofia estoica, já antes de Filo, e aplicado à exegese bíblica judaica” (LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, p. 124; CARO, J. M. S. (Coord.). *A Bíblia e seu Contexto*, p. 387).

<sup>358</sup> CARO, J. M. S. (Coord.). *A Bíblia e seu Contexto*, p. 386.

<sup>359</sup> LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, p. 131.

relativo sucesso para além da sua cultura foi devido a um fator determinante: a versão grega das Escrituras Hebraicas – a LXX.

O cristianismo compreendeu bem cedo o valor dinâmico da *Septuaginta* e tratou de preservá-la como *suas* Escrituras em contraste com a “rigidez” lingüística e cultural da *Tānaḵ* frente a um mundo helenizado com predominância da língua grega, que, sob este aspecto, tem um desencontro com a primeira. Com grande probabilidade, a dinâmica da versão grega define a sua essência literária. Esta impressão da peculiaridade hermenêutica da LXX está bem abordada nos variados comentários:

ECLESIASTICO: “quando se traduz para uma outra língua, aquilo que é dito originalmente em hebraico; não só este livro, mas a própria Lei, os Profetas e o resto dos livros têm grande diferença nos originais” (Prólogo, 22-26); IBI: “Um dos mais antigos testemunhos de interpretação judaica da Bíblia é a tradução grega dos Setenta”;<sup>360</sup> PENNA: faz analogia entre a LXX e o *Targûm*;<sup>361</sup> RIZZI: associa a LXX a exegese judeu-cristã, aos *pescharim* (*Pesh*), aos *midrash halakah* e *haggadah*;<sup>362</sup> BUZZETTI: mentalidade semelhante aos *Targûm*, tradução de compreensão, atualização, nova expressão da palavra de Deus, “é a mesma Palavra que muda de forma e, ao mesmo tempo, permanece fiel”;<sup>363</sup> BARRERA: paralelismo entre LXX e *Targûm*, tradução exegética, obra de interpretação e de exegese, contém sóbrios traços targúnicos, tendências teológicas, possibilidade “midráxica” de livros ou passagens;<sup>364</sup> CIPRIANI: *Midrash* e *Septuaginta* têm características compartilhadas;<sup>365</sup> SIMIAN-YOFRE: “a tradução demonstra a mentalidade ou a sensibilidade do ambiente alexandrino”;<sup>366</sup> LOHSE: produz “novo significado” às expressões hebraicas;<sup>367</sup> MAIER: “ocupa um lugar importante nas obras modernas de exegese e de história da interpretação”;<sup>368</sup> SCHREINER: “algumas coisas foram adaptadas à mentalidade dos fiéis que viviam em ambiente grego”;<sup>369</sup> CERFAUX: usada sob a exegese rabínica por Paulo;<sup>370</sup> FRANCISCO: carrega reflexos do espírito judeu-helenista, variedade de interpretações e não traduções, terminologias específicas;<sup>371</sup> COENEN E BROWN: “mudanças de sentido”;<sup>372</sup> Mackenzie: “A LXX não é apenas uma tradução, é também a primeira interpretação do AT”;<sup>373</sup> DOUGLAS: conteúdo e sentido diferente do texto hebraico, “age como uma espécie

<sup>360</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 62.

<sup>361</sup> Cf. PENNA, R. *Appunti sul como e perché il Nuovo Testamento si Rapporta all'Antico*, p. 99.

<sup>362</sup> Cf. RIZZI, G. *Le Scritture Tra Metodi Storico-Critici Moderni e Principi Ermeneutici Fondamentali nel Giudaismo e nel Cristianesimo*, pp. 184, nota 17; 186, nota 31; 187, nota 33.

<sup>363</sup> Cf. BUZZETTI, C. *Bíblia e suas Transformações*, p. 56, 65.

<sup>364</sup> Cf. BARRERA, J. T. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, pp. 354-355, 380-381, 521-524.

<sup>365</sup> Vítório Maximino Cipriani em SILVA, C. M. D. et. alii. *Metodologia de Exegese Bíblica*, p. 330.

<sup>366</sup> SIMIAN-YOFRE, H. (Coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 55.

<sup>367</sup> Cf. LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, p. 121.

<sup>368</sup> MAIER, J. *Entre os Dois Testamentos*, p. 147.

<sup>369</sup> Cf. SCHREINER, J. (Ed.). *Palavra e Mensagem*, p. 34.

<sup>370</sup> Cf. CERFAUX, L. *O Cristão na Teologia de Paulo*, p. 31.

<sup>371</sup> Cf. FRANCISCO, E. D. F. *Manual da Bíblia Hebraica*, pp. 378-379.

<sup>372</sup> COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, p. LXXVI.

<sup>373</sup> MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*, p. 874.

de ponte lingüística entre o hebraico do AT e o grego do NT”;<sup>374</sup> “A Setenta interpreta às vezes bem amplamente o texto hebraico”.<sup>375</sup> EISSFELDT: o livro de “Daniel é quase uma paráfrase preferencialmente (que imprime maior intensidade) que uma tradução, de fato, em geral, a é em muitos aspectos mais uma testemunha da exegese do texto Hebreu”.<sup>376</sup> WEISER: “Consequentemente LXX é uma coleção de traduções das escrituras do AT, que foi produzida, não por judeus palestinos, mas por aqueles da diáspora e que não repudiavam o espírito do Judaísmo Helenístico (...) O tradutor não se deteve, para interpretar o texto freqüentemente o adaptava alterando-o onde o perturbava seus escrúpulos religiosos”.<sup>377</sup>

Os comentários acima fazem alusão aos métodos de exegese rabínica aplicados à tradução da LXX,<sup>378</sup> num considerável esforço hermenêutico para atualizar os textos ao ambiente e ao espírito helênico em voga, seja para entender o momento presente à luz da palavra de Deus, seja para dar aos acontecimentos do passado um sentido religioso e futurível [*vaticinia ex eventu*]. A igreja de Éfeso e da diáspora, ao adotarem a *Septuaginta* [τα ἱερὰ γράμματα] como suas Escrituras, adquiriu, concomitantemente, essa *característica dinâmica* – o “espírito da LXX” – que cooperou na sua adaptação e evolução no meio sócio-cultural, sem deixar que o perigo e o medo da gnose a estagnasse.<sup>379</sup> Por sua vez, tal herança, assumida no bom senso da fé, preveniu riscos, como, por exemplo, a ausência de abertura

<sup>374</sup> Cf. DOUGLAS, J. D. (Org.), *O Novo Dicionário da Bíblia*, p. 1326.

<sup>375</sup> EDIÇÕES PAULINAS. *Iniciação ao Novo Testamento*, p. 184.

<sup>376</sup> “That of Daniel is almost a paraphrase rather than a translation, and in fact in general is many respects more a witness to the exegesis of Hebrew” (EISSFELDT, O. *The Old Testament – an Introduction*, p. 704).

<sup>377</sup> WEISER, A. *The Old Testament its Formation and Development*, p. 370: “Consequently the LXX as a whole is a collection of translations of the OT scriptures, which was produced, not by Palestinian Jews, but by those of Hellenistic Judaism (...) The translators did not refrain from interpreting the text frequently to suit themselves and to alter it where it disturbed their religious scruples”.

<sup>378</sup> O *Targum* aramaico, tradução-comentário sinagoga e popular; o *Midrash* [busca], exegese rabínica cuja palavra chave é *קַיְיִר* – “cumprir” = dar sentido, podendo ser *haggadah* (homilética espiritual ou religiosa) e *halakah* (praticar); o *Pesher* [interpretação], interpretação atualizada não literal e, no caso de Qumrã, de perspectiva apocalíptica (cf. 1QpHab 7,3-8); o *Mixná* [repetição], corpo da legislação oral até 200 d.C. com o *Talmude*, seu comentário sistemático; os *māšāl* [ditos], provérbios e sentenças populares (cf. Vitório Maximino Cipriani em SILVA, C. M. D. et alii. *Metodologia de Exegese Bíblica*, pp. 330-336; BUZZETTI, C. *Bíblia e suas Transformações*, p. 38; BARRERA, J. T. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, pp. 228, 543-545, 697-698; LÍNDEZ, J. V. *Sabedoria e Sábios em Israel*, p. 32).

<sup>379</sup> “Em alguns de suas partes, a tradução grega dos LXX traduz o original; em outras, deforma o original, por não tê-lo entendido bem; em outras ainda, transforma o original, continuando ou induzindo um processo de evolução semântica, impondo uma nova mentalidade e sensibilidade como sistema geral (...) No caso de transformação, temos um exemplo de nova leitura, nova interpretação, nova representação. Não podemos pensar que as recitações e leituras dos originais sejam perfeitamente iguais, fiéis às raíais da identidade; isso contradiz a natureza da obra enquanto repetível e existente na repetição. Um passo a mais na mesma direção é a tradução que transforma, ou seja, escolhe um aspecto do original, evidencia o possível elemento conceitual, espiritualiza, restringe o símbolo, etc.” (SCHÖKEL, L. A. *A Palavra Inspirada: A Bíblia à Luz da Ciência da Linguagem*, p. 186).

aos não-judeus e o domínio fundamentalista dos judaizantes, não condizentes com o uso feito pelos primeiros cristãos da LXX. A bem da verdade, respeitar as ondulações literárias das Sagradas Escrituras e tentar adaptá-las com a versão grega, refere-se tão somente às *escrituras* [γράμματα], sem jamais atingir sua envergadura divina, ou seja, ἱερὰ (2Tm 3,15), pois “a palavra do nosso Deus permanece [μένει] para sempre” (Is 40,8).

Não se pode afirmar, com certeza, que a comunidade de Éfeso ou os cristãos, de modo geral, tinham consciência desta função providente e dinâmica inerente às Escrituras em sua versão grega, no entanto, é certo que fizeram uso da dinâmica da linguagem humana das Ἱερὰ Γράμματα (LXX) ocasionando-lhe valor *kerigmático*. As igrejas da diáspora ao abraçarem a versão grega abraçaram, também, um instrumento *kerigmático* eficaz para o desenvolvimento da mensagem cristã, sua fé em Cristo e seu projeto de salvação (cf. 3,15). Se não fosse assim, Jesus e sua Boa-Nova, estariam circunscritos a um grupo bem reduzido, se é que estariam; assumindo esta interpretação, a Comunidade Cristã interpretou, também, a sua identidade missionária, aberta não só aos judeus, mas a todos.<sup>380</sup>

“A LXX definitivamente pavimentou o caminho das tardias missões cristãs. Desde os primeiros dias do cristianismo o Antigo Testamento era a Sagrada Escritura κατ’ ἐξοχήν [por excelência] para os cristãos, igualmente como era para os judeus, e os missionários cristãos a utilizaram para descobrir um certo ponto de contato em qualquer lugar que tivesse se expandido um conhecimento do Antigo Testamento. Deste modo aconteceu que as comunidades cristãs primitivas formaram-se a partir da grande extensão de Judeus da Diáspora, enquanto a LXX, já muito expandida e bem conhecida em todos os lugares, era simplesmente adotada pelos cristãos como a Bíblia da Igreja.”<sup>381</sup>

<sup>380</sup> “The special value of the LXX for the missionary task of the Jewish Diaspora lay in the fact that it made the OT accessible to the non-Jew also; at the same time it acquired an unexpected importance, unwelcome to the Jews, by becoming the sacred scriptures of the Christians – O valor especial da LXX para tarefa missionária do judaísmo da Diáspora encontra-se no fato de que esta fez o AT também acessível ao não-judeu; algumas vezes isto adquiriu uma importância inesperada, mal recebida pelos Judeus, por tornarem-se as sagradas escrituras dos Cristãos” (WEISER, A. *The Old Testament its Formation and Development*, p. 371). “O fundamento teológico da inculturação é a convicção de fé que a palavra de Deus transcende às culturas nas quais ela foi expressa e tem a capacidade de se propagar em outras culturas, de maneira a atingir todas as pessoas humanas no contexto cultural onde elas vivem” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 145).

<sup>381</sup> “The LXX, in addition, paved the way for later Christian mission. For in the first days of Christianity the Old Testament was the Holy Scripture κατ’ ἐξοχήν for the Christians, just as it was for the Jews, and the Christian missionaries were able to discover a ready point of contact wherever there had already spread a knowledge of the Old Testament. Thus it came about that the earliest Christian communities were formed to a large extent from Jews of the Dispersion, while the LXX,

As Ἑρὰ Γράμματα – Setenta – antes de ser uma tradução literalista, “escravizada” pelo sentido posto pela *Tānak* (presa à letra), em alguns momentos “rivaliza” com sua base ousando o seu próprio caminho.<sup>382</sup> Esse espírito de liberdade, consciente ou não, foi captado pelas primeiras comunidades cristãs que, movidas pelo Espírito, o aplicaram na interpretação e atualização da fé em Jesus Cristo e em sua missão de anunciá-lo a partir das Escrituras Sagradas e não sem elas ou fora delas.<sup>383</sup> “Pois o Senhor é o Espírito, e onde se acha o Espírito do Senhor aí está a liberdade” (2Cor 3,17). Sem a liberdade espiritual diante dos textos – dimensão dinâmica –, tradição oriunda da igreja primitiva,<sup>384</sup> as Sagradas Escrituras e a mensagem cristã estariam fadadas ao ostracismo cultural, presa em um espaço temporal étnico e lingüístico, sem poder dialogar com seu ambiente o que seria um desajuste com uma das finalidades da própria *Septuaginta*<sup>385</sup> e do Evangelho (Mt 28,19; Mc 16,15).

“A linguagem e a mensagem da Septuaginta prepararam o caminho para o cristianismo primitivo poder penetrar no mundo helenístico. O Antigo Testamento grego era a Bíblia das comunidades cristãs que surgiram rapidamente nas cidades do Império Romano. O Deus único, cuja vontade e mandamento se manifestaram ao mundo inteiro através de Israel, revelou-se em Cristo como pai. A linguagem formada pela tradução grega do Antigo Testamento possibilitava a pregação do querigma cristão, primeiro nas sinagogas e depois entre os não-judeus”.<sup>386</sup>

---

being already everywhere wide-spread and well-known, was simply adopted by the Christians as the Church’s Bible” (BÍBLIA. *Septuaginta*, p. LVII da introdução).

<sup>382</sup> Alguns modelos de interpretação da Setenta: אֲנִי אֶהְיֶה אִשְׁרָאֵל por ἐγώ εἰμι ὁ ὢν, “sou o que sou” em grego pode soar “eu sou aquele que é” (Ex 3,14), denota o ambiente alexandrino da tradução; הַעֲלֵמָה por ἡ παρθένος, “a moça” tornou-se “a virgem” na versão grega (Is 7,14); Ex 32,15: צִוּרָה [rocha] por θεοῦ [Deus]; Ex 12,41: כָּל-צְבָאוֹת יְהוָה [os exércitos de YHWH] por ἡ δύναμις κυρίου [o poder do Senhor]; Gn 19,19: חֶסֶד [bondade] por ἔλεος [misericórdia, piedade]; Lv 26,46: תּוֹרָה [instrução, ensino] por νόμος [lei]. (Cf. SIMIAN-YOFRE, H. (Coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 57; BÍBLIA. *Septuaginta*, introdução, p. LVII; FRANCISCO, E. D. F. *Manual da Bíblia Hebraica*, p. 379; PONTIFICIA COMISION BÍBLICA. *El Pueblo Judío y sus Escrituras Sagradas em la Biblia Cristiana*, n. 3, nota 5).

<sup>383</sup> Uma prova simples e cabal desse uso é o próprio Novo Testamento.

<sup>384</sup> “Come conclusione parziale, possiamo dire in generale che il NT si rifà all’Antico non com il critério di una rigorosa fedeltà al testo, quase si dovesse già maneggiare il método storico-critico, ma piuttosto con il critério più souple della fedeltà al senso del testo stesso – Como conclusão parcial, podemos dizer que em geral o NT se refere ao Antigo não com um critério de uma rigorosa fidelidade ao texto, quase se devesse já manejar o método histórico-crítico, mas antes com um critério mais superior, o da fidelidade ao sentido mesmo do texto” (PENNA, R. *Appunti sul como e perché il Nuovo Testamento si Rapporta all’Antico*, p. 99).

<sup>385</sup> Cf. SIMIAN-YOFRE, H. (Coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 73.

<sup>386</sup> LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, p. 123.

### 5.1.3. Ἱερὰ Γράμματα – Função Reguladora (normativa)

Outro ponto em comum entre os lexemas *gramma* e *sēper* é seu uso como um conceito mensurável ou auxílio em medições: “medir” (um limite, um parâmetro).<sup>387</sup> Diferente da primeira semelhança (dinâmica) este é um sentido mais “congelado/conservado”<sup>388</sup> dos substantivos  $\text{סֵפֶר}$  e  $\text{γράμμα}$ : *sēper* era usado em documentos de importância legal que expressavam uma determinação soberana;<sup>389</sup> igualmente *gramma* significava a autoridade de um documento legal, um escrito real para ser obedecido (cf. Est 6,1; 8,5; 9,1).<sup>390</sup> *Gramma* ainda combinava com *hieros* em decretos imperiais, tornando-os “divinos” – escritos sagrados –, de caráter irrevogável e determinante.<sup>391</sup> Estes aspectos semânticos não são mera filologia, pois refletem na concepção que o leitor e/ou os leitores faziam da expressão *Hiéra Grammata*: um entendimento peculiar das Escrituras como documento contendo orientações e normas estáveis à fé, uma autoridade digna de obediência.<sup>392</sup> Esta concepção era negada ou diminuída pelo gnosticismo; daí, provavelmente, a necessidade de reafirmar duas vezes, em uma quantidade retraída de texto, a qualidade das Escrituras como  $\text{ἱερὰ γράμματα}$  (v. 15) e  $\text{πᾶσα γραφή θεόπνευστος καὶ ὠφέλιμος}$  (v. 16).

Um primeiro estágio de segurança simbólica proporcionada pelas Escrituras no meio judaico-cristão e gentílico-cristão de Éfeso – ainda, apenas canonizadas pelo uso e não por decreto –<sup>393</sup> é o próprio fato de estarem escritas; são,

<sup>387</sup> Verificar infra, 3.1.3., p. 39, cf. nota 111.

<sup>388</sup> “A sua função primária [da escrita] é conservar a palavra” (SCHÖKEL, L. A. *A Palavra Inspirada: A Bíblia à Luz da Ciência da Linguagem*, p. 158).

<sup>389</sup> “The noun *sēper* ‘writing’, ‘book’ came to be used also of important legal documents (Deut 24:1, 3; Isa 50:1; Jer 3:8) or official letters (1Kings 21:8ff; 2Kings 19:14; Est 1:22; Jer 29:1) – O substantivo *sēper* ‘escrito’, ‘livro’, além disso é usado para importantes documentos legais ou cartas oficiais” (HARRIS, L. R. *Theological Wordbooks of the Old Testament*, em BIBLEWORKS 7). O mesmo ocorria com  $\text{סֵפֶר}$ , cf. 2.4.2: Outro elemento de segurança das Sagradas Escrituras é o substantivo  $\text{דָּבָר}$  [*dābar*] usado como “palavra” do rei adquirindo solidez documental; mais claro ainda é a estabilidade desta palavra quando aplicada a Deus: “Seca-se a erva, murcha a flor, quando o vento do Senhor sopra sobre elas; seca-se a erva, murcha-se a flor, mas a palavra do nosso Deus ( $\text{דְּבַר אֱלֹהֵינוּ}$ ) subsiste para sempre” (Is 40,7-8).

<sup>390</sup> “*Grammata*: papers or documents of any kind – papéis ou documentos de algum rei” (LSJ Lexicon em BIBLEWORKS 7).

<sup>391</sup> Cf. infra, 3.5.1. b, p. 50, nota 168.

<sup>392</sup> “a inspiração escriturária por vezes conferia a uma forma escrita à Palavra, para que a comunidade pudesse referir-se a essa Escritura como à sua norma de fé” (SCHÖKEL, L. A. *A Palavra Inspirada: A Bíblia à Luz da Ciência da Linguagem*, p. 157).

<sup>393</sup> Tradicionalmente, se diz que o cânon hebraico das Escrituras foi fixado no Concílio de Jâmnia em torno de 90-100 d.C.; porém, também se diz que esta afirmação “não parece ter aquela solidez crítica que parecia possuir” (cf. MANNUCCI, V. *Bíblia: A Palavra de Deus*, pp. 227-228).

teoricamente, textos fixados como originais, autênticos, estando não só gravados à tinta, mas, também simbolicamente gravados como documentos jurídicos e sagrados,<sup>394</sup> alterá-los equivaleria a uma violação/profanação (cf. Mt 5,18; Jo 10,35; Ap 22,18). Em outro grau, as letras da “gravação humana” [γράμματα], têm um peso interior para consciência dos membros da Comunidade de Éfeso. É uma expressão *auto-implicativa* que exige determinado tipo de obediência: “As *hiéra grammata* têm um duplo significado epistolar e áulico (conselheiro) de cartas que nos são endereçadas por Deus e de documentos oficiais que são a regra ou cânon do que nós devemos pensar e realizar”.<sup>395</sup> Os motivos: *grammata* (e *sēper*) contêm o sentido de decreto oficial e também é “medida”, um padrão que impõe um determinado tipo de orientação (medir a vida, Sl 56,9). Talvez, um fundamento mais apropriado desta dedução, se verifique pelo uso de *sēper* junto a תּוֹרָה [tôrâ – “lei”]:<sup>396</sup> “Não se aparte da tua boca o livro desta lei [הַתּוֹרָה סֵפֶר]; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme tudo quanto nele está escrito; porque, então, farás prosperar o teu caminho, e serás bem sucedido” (Js 1,8; cf. 23,6; Dt 17,18-20). Ainda, Paulo “usa tanto *nomos* (lei) quanto *graphē* (escritura), mas não de forma a levar à clara distinção. Assim *nomos* às vezes significa ‘Escritura’ (Rm 3,19; 7,1; 1Cor 14,21)”.<sup>397</sup> As Sagradas Escrituras, como documento oficial de Deus, torna-se normativo [*nomos*] para as comunidades cristãs desde muito cedo até os dias atuais.<sup>398</sup>

A função reguladora das Escrituras (normativa), antes de ser uma contradição com a liberdade aludida em sua dimensão dinâmica, é necessário ponto de equilíbrio: como um veleiro, que precisa tanto das velas para o impulsionar como do lastro para lhe dar estabilidade, e não sofrer capotagem na primeira onda, assim, a igreja de Éfeso precisa deste aspecto da Escritura para não se inclinar a cada modismo interpretativo da fé cristã (2Tm 2,16.18; 3,7-8; 4,3). A

<sup>394</sup> “A escrita pode conferir à palavra um valor jurídico: contratos, desde a época sumeriana” (SCHÖKEL, L. A. *A Palavra Inspirada: A Bíblia à Luz da Ciência da Linguagem*, p. 158).

<sup>395</sup> “les *hiéra grammata* ont une doublé acception épistolaire et aulique de lettres qui nous sont adressées par Dieu et de documents officiels qui sont la règle ou le cânon de ce que nous devons penser et réaliser” (SPICQ, C. *Les Épîtres Pastorales*, tome II, p. 792).

<sup>396</sup> Cf. SCHÖKEL, L. A. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 470; HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, p. 1056.

<sup>397</sup> SANDERS, E. P. *Paulo, a Lei e o Povo Judeu*, p. 179.

<sup>398</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 21.

liberdade do pensamento teológico da Comunidade não pode se tornar libertinagem terminológica que não condiz com a tradição de fé das Escrituras e da tradição apostólica: “Estas não têm nenhuma utilidade, servindo apenas para a perdição dos que a ouvem” (2Tm 2,14). A ordem e identidade da fé cristã exigidas pelas Escrituras não devem ser entendidas como rigidez, pois, se “onde se acha o Espírito do Senhor aí está a liberdade” (2Cor 3,17), de igual modo, neste mesmo Espírito, deve haver estabilidade: “Guarda o bom depósito, por meio do Espírito Santo que habita em vós” (2Tm 1,14; 1Cor 14,40). Neste depósito, que faz as vezes de lastro para a igreja, estão as Sagradas Escrituras.<sup>399</sup>

Um segundo estágio da função reguladora das Escrituras encontra-se na sua dimensão transcendente: τὰ Ἱερὰ Γράμματα identifica-se com λόγος τοῦ θεοῦ [a palavra de Deus] (Hb 4,12): A locução *Hiéra Grammata* contém valor sagrado para judeus e cristãos por ser veículo da Palavra de Deus, uma conseqüência, obviamente, da sua inspiração divina [θεόπνευστος].<sup>400</sup> Portanto, a Escritura é lida não apenas como “documento gravado”, mas como “documento inspirado” – norma sagrada de fé –,<sup>401</sup> diferenciando-a de qualquer outra palavra e escrito humanos, o que acarreta distinções fundamentais nas decisões dos crentes reunidos em Éfeso frente ao *Sitz im Leben*: pois, uma escolha é sujeitar-se a um tipo de cristianismo judaizante hermeticamente fechado, caracterizando a comunidade cristã como uma “sinagoga alternativa”;<sup>402</sup> outra escolha, bem diferente daquela, é sujeitar-se à tradição de fé das Escrituras Hebraicas,<sup>403</sup> que

<sup>399</sup> “A Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só sagrado depósito da palavra de Deus confiado à Igreja” (CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 10).

<sup>400</sup> A Bíblia ainda é descrita como “instrumento da palavra de Deus” (SIMIAN-YOFRE, H. (Coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 19); “sagrado depósito” e “canal” que comunicam a palavra de Deus (SÍNODO DOS BISPOS. *A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja – Lineamenta*, n. 14); cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 8.

<sup>401</sup> “Por isso, na Igreja a Palavra não é depósito inerte, mas, tornando-se ‘norma suprema da fé’ e potência de vida” (SÍNODO DOS BISPOS. *A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja – Lineamenta*, n. 13)

<sup>402</sup> “a comunidade sabia que se distinguia fundamentalmente do judaísmo que a cercava, por ser a nova comunidade de Deus, e que estava incumbida de chamar todos a aderirem a essa nova comunidade. Tal atitude fundamental, no entanto, muito em breve trouxe consigo que os membros da comunidade primitiva se distinguissem também visivelmente dos demais judeus” (KÜMMEL, W. G. *Síntese Teológica do Novo Testamento*, p. 169). “A relação da comunidade com a história de Israel é, naturalmente, de ordem singularmente dialética (...) A comunidade escatológica, portanto, não é simplesmente a sucessora histórica e herdeira de Israel empírico-histórico, e sim herdeira do Israel como que ideal, do povo de Deus (...) A comunidade cristã é o verdadeiro povo de Deus (cf. Mc 12,1-11)” (BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*, p. 143-144); cf. BERGANT, D. KARRIS, J. R. (Org.), *Comentário Bíblico*, v. 3, p. 291.

<sup>403</sup> As Escrituras, sendo palavra inspirada por Deus, superam a sua dimensão terrena, deste ou daquele povo, desta ou daquela cultura, ela é fonte da vida do Espírito: “porque a letra mata [γράμμα

contêm a fé no Deus único, Pai de Jesus Cristo: “Não penseis que vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim para abolir, mas para cumprir” (Mt 5,17; cf. Lc 24,25-27). Uma opção é limitar ou eliminar a mensagem das Escrituras àquilo que convém aos “sábios” do gnosticismo, reduzindo e nivelando a tradição judaico-cristã a tantas outras formas de sincretismo, fazendo da igreja de Éfeso uma caricatura do panteão, onde todos podem cultuar todo tipo de idéia e devoção religiosa; outra opção, bem distinta daquela, é usar da cultura helênica receptiva ao novo e da língua grega cosmopolita – via LXX –, para proveito da missão como fez Paulo: “eu me tornei escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Com os judeus, me fiz judeu, para ganhar os judeus (...) Com os sem-lei, me fiz um sem-lei – eu que não era sem a lei de Deus, já que estava na lei de Cristo –, para ganhar os sem-lei” (1Cor 9,20-21). Nesse processo de encontrar seu próprio espaço existencial no mundo sem perder a originalidade em meio a situações tão divergentes, a Comunidade carece de uma referência concreta e segura, na qual possa se pautar e se identificar. Essa referência são as Ἱερὰ Γράμματα: elas se associam aos hebreus (*Tānak*) e está na língua dos gentios (*Septuaginta*), mas transcende estas convenções humanas por conter a Palavra de Deus:

“a palavra de Deus [λόγος τοῦ θεοῦ] é viva [ζῶν] e eficaz [ἐνεργῆς], e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hb 4,12).

Por conter λόγος τοῦ θεοῦ [a palavra de Deus], a Escritura se identifica com Jesus Cristo (Jo 1,1.14),<sup>404</sup> fundamento da identidade da igreja: “Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo” (1Cor 3,11). Mesmo se para a igreja de Éfeso o λόγος τοῦ θεοῦ nas Escrituras não se identificasse com Cristo,<sup>405</sup> continuaria sendo a palavra inspirada por Deus com igual valor fundamental e transcendente por causa do adjetivo *theopneustos*.

---

ἀποκτέννει], mas o espírito vivifica [πνεῦμα ζωοποιεῖ]” (1Cor 3,6; Hb 4,12 [ζῶν]; Jo 6,33 [πνεῦμά /ζωή]).

<sup>404</sup> “Early Christians too personified the divine word (...) The identification of the Logos here as Christ is common in patristic sources – Os primeiros cristãos também personificavam a palavra divina (...) A identificação do Logos aqui com Cristo é comum nas fontes patrísticas” (ATTRIDGE, H. W. *The Epistle to Hebrews*, p. 134, cf. nota 20).

<sup>405</sup> “Não se trata aqui do ‘logos’ pré-existente, à semelhança de Jo 1, referindo-se apenas a Cristo. Trata-se antes em geral da palavra que Deus anuncia pelos profetas, pelo Filho, pelos apóstolos (...) Mesmo não sendo idêntica com o ‘logos’ pré-existente, ela não deixa de ter uma relação de

Sendo ζῶν [viva] não é letra morta, é “vida total em sentido teológico e sobrenatural”,<sup>406</sup> capaz de dar personalidade teológica à jovem igreja; sendo palavra de Deus vivifica: “O espírito é que vivifica (...) as palavras que vos disse são espírito e vida” (Jo 6, 63; Dt 32,47; At 7,38; Fl 2,16), portanto é capaz de criar<sup>407</sup> e fazer progredir<sup>408</sup> a identidade e a missão da igreja. Contendo a palavra viva de Deus, a Escritura é também “eficaz”: é Deus quem opera poderosamente [ἐνεργῆς]<sup>409</sup> por meio dela, por isso ela é apta para “discernir os pensamentos e os propósitos” dos membros da Comunidade. *Energēs*, o adjetivo, tem como substantivo ἐνέργεια [*energeia*], donde “eficácia” (Ef 1,19), “energia” (Ef 4,16), “poder” (2Ts 2,11) e literalmente “força em ação”.<sup>410</sup> Ainda: ἐνεργῆς e o adjetivo verbal δυνάμενά (2Tm 3,15 b) são dois signos com relação semiótica:<sup>411</sup> ambos carregam uma carga semântica direcionada a forças capazes de fazer algo ou de ajudar a realizar algo; como δύναμαι [*dínamai*] está ligada às “Sagradas Escrituras” e *energēs* está ligada à Palavra de Deus em seus respectivos textos, essa sincronia adquire mais densidade semiótica.

As Ἱερὰ Γράμματα contêm poder [δυνάμενά] porque a palavra de Deus contém o poder [ἐνεργῆς]. A fonte desta energia vem de Deus, uma “força sagrada em ação” – dinâmica – capaz de produzir benefícios à Comunidade: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil [ὠφέλιμος]” (3,16). Não é uma força “cega”, é uma força sábia [δυνάμενά σε σοφίαι] que tem alvos certos: salvar [εἰς σωτηρίαν] e formar [ἵνα ἄρτιος ᾦ ὁ τοῦ θεοῦ ἄνθρωπος]. A força e a sabedoria da

---

destaque neste ‘logos’” (VOLKMANN, M. *Hebreus 4,12-13: a Palavra de Deus, Viva e Eficaz*, p. 43).

<sup>406</sup> Cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 214. “Like God, the word of God is ‘alive’ (ζῶν) – Como Deus, a palavra de Deus é viva” (ATTRIDGE, H. W. *The Epistle to Hebrews*, p. 134).

<sup>407</sup> “The word God, regularly thought of as the effective means of divine creative – A palavra de Deus, conceito regular de um meio efetivo da criação divina” (ATTRIDGE, H. W. *The Epistle to Hebrews*, p. 133). A Palavra de Deus abre a história com a criação do mundo e do homem: ‘Deus disse’ – Gn 1,3.6ss” (SÍNODO DOS BISPOS. *A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja – Lineamenta*, n. 1). A Igreja é como princípio da nova criação pela ressurreição de Cristo Jesus: “Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura” (2Cor 5,17).

<sup>408</sup> O verbo ζῶν se encontra no participio do presente ativo: “most frequently denotes an action in progress – mais frequentemente denota uma ação em progresso” (BURTON, E.D. *Moods in Tenses NT Greek*, cf. BIBLEWORKS7).

<sup>409</sup> Cf. COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 2, p. 2541. A BÍBLIA. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*, 2005, traduz ἐνεργῆς em Hb 12,4 por “poderosa”.

<sup>410</sup> Cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 170.

<sup>411</sup> Spicq estabelece idêntica relação: “la force (participe présent τὰ δυνάμενά; cf. Hébr. IV, 12: ἐνεργῆς)” (SPICQ, C. *Les Épitres Pastorales*, tome II, p. 786).

Palavra de Deus nas Sagradas Escrituras é que a torna “apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração”, para regular a vida da Comunidade de Éfeso.

O pensar e o agir dos cristãos de Éfeso, da Ásia Menor e da Palestina não podem estar ao sabor do acaso ou das intervenções gnósticas. Portanto, certos critérios para pensar e agir no plano da tradição, em vista de uma coerente edificação da fé cristã, encontra-se no “depósito” das Ἱερὰ Γράμματα, ou seja, na sua perícopie. Nele, no texto de 2Tm 3,14-17, estão contidos três critérios (marcos, princípios) para medir e regular a identidade e a finalidade de Timóteo e sua Comunidade.

O primeiro critério é um *imperativo apostólico*: permanecer na tradição apostólica da Comunidade. Σὺ δὲ μένε ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης [Tu, porém, permanece no que aprendeste e creste], entendido como permanecer no ensinamento apostólico recebido na Comunidade e fundado nas Escrituras: “Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Cor 15,3-4; 11,3). É essencial saber a fonte e continuar nela [εἰδῶς παρὰ τίνων ἔμαθες], que, em última instância é a própria comunidade ligada à tradição apostólica. A frase παρὰ τίνων ἔμαθες, estando no plural [*dos quais* aprendeste] indica um aprendizado feito desde o lar (2Tm 1,5), passando pela comunidade de discípulos (At 16,2) e por Paulo (At 16,3; 2Tm 1,13), ou seja, sugere um ambiente de fé e formação: a igreja. O que o texto da perícopie diz discretamente, em Atos é explícito: “Eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento [διδαχῆ] dos apóstolos, na comunhão fraterna [κοινωνία], na fração do pão e nas orações” (At 2,42). Aqui se une a tradição de fé [ouvir o ensinamento dos apóstolos] com a vida comunitária [na comunhão fraterna, na fração do pão, nas orações]: a) o conteúdo da *didachē* “abrange a releitura dos textos bíblicos à luz de Cristo”; e b) o substantivo *koinōnia* “é a união espiritual dos crentes baseada na mesma fé e no mesmo projeto de vida”.<sup>412</sup> Os dois substantivos usados confirmam que as Escrituras, e sua tradição de fé, tramitam no espírito eclesial e não individual; assim esta comunhão de fé impediria

<sup>412</sup> Cf. FABRIS, R. *Os Atos dos Apóstolos*, p. 76.

qualquer ilusão gnóstica de superioridade, já que o conhecimento de fé para salvação (v. 15 a) não se adquire de um isolado esforço pessoal, e sim da comunhão de fé em Cristo ensinada a partir das Escrituras [πᾶσα γραφή θεόπνευστος καὶ ὠφέλιμος πρὸς διδασκαλίαν].

As Ἱερὰ Γράμματα não aceitam, por sua natureza, ser interpretada por conhecimentos particularizados fora da tradição de fé: “nenhuma profecia da Escritura resulta de uma interpretação particular, pois que a profecia jamais veio por vontade humana, mas homens, movidos pelo Espírito Santo [πνεύματος ἁγίου φερόμενοι], falaram da parte de Deus” (2Pd 1,20-21). Assim, a Escritura move [φερόμενοι]<sup>413</sup> o pensamento e a vontade da Comunidade e de seus membros em vista do bem comum do povo de Deus, não se reduzindo ao domínio particular de grupos e movimentos – judaizantes ou gnósticos. Esta constatação da Escritura como substância de fé e instrumento para o bem comum está em franca harmonia com o Espírito que a inspirou: “A cada um é dada a manifestação do Espírito, em vista do bem de todos” (1Cor 12,7).

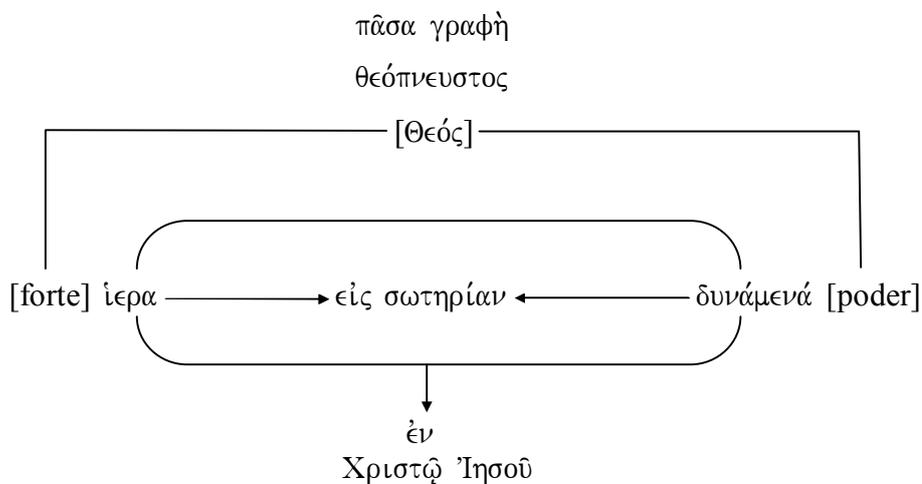
Este critério é bem mais do que uma diretiva, é uma característica da tradição de fé das Escrituras, a fé do povo de Deus (Hb 11,4-39).

O segundo *critério é o acusativo salvífico*: A locução εἰς σωτηρίαν [para salvação] está no caso acusativo, que faz dela objeto direto da ação verbal transitiva que lhe antecede regida pela preposição: o poder de dar sabedoria [τὰ δυνάμενά σε σοφίσαι εἰς σωτηρίαν], esta capacidade de fazer sábio para salvação tem origem, segundo o texto, na expressão “Sagradas Escrituras” [τὰ ἱερὰ γράμματα οἶδας, τὰ δυνάμενά]. Na interpretação semântica da perícope – sintática e teológica – o poder das Escrituras seria uma predicação incompleta (vazia de significado) sem sua finalidade salvífica [εἰς σωτηρίαν]. A evidência desta argumentação se mostra mais eloquente quando no segundo apêndice do diagrama foi estabelecida uma ligação semântica entre o adjetivo ἱερὰ com δυνάμενά.<sup>414</sup>

<sup>413</sup> O verbo φερόμενοι/φέρω se presta a esta metáfora com o “vento” segundo BIGG, C. *The Epistles of St. Peter and St. Jude*, p. 270: “φερόμενοι. ‘Carried along by the Holy Ghost,’ as a ship by the wind (Acts xxvii. 15, 17). Here the Spirit is the wind (Acts ii. 2; John iii. 8). Similar metaphors are used of inspiration by heathen writers – ‘movidos pelo Espírito Santo’, como um barco pelo vento (At 27,15-17). Aqui o Espírito é o vento (At 2,2; Jo 3,8). Metáforas similares de inspiração são usadas por escritores pagãos”.

<sup>414</sup> Cf. 4.2.2., p. 72.

Ambos os vocábulos carregam a *conotação de potência* referente à qualidade e função das Sagradas Escrituras. Balz registra no Evangelho de João o verbo *dynamai* tendo aceitação privilegiada, relacionado aos milagres de Jesus: “Como pode [δύναται] um homem pecador fazer tais sinais?” (Jo 9,16); resposta: “ninguém pode [δύναται] fazer os sinais que fazes, se Deus não estiver com ele” (Jo 3,2). Como o “poder de Jesus nasce de sua comunhão com Deus (Jo 5,19.30; 12,49)”,<sup>415</sup> de modo semelhante o “poder/capacidade” das Escrituras [δυνάμενα] também nasce da sua comunhão com Deus [θεόπνευστος] em ordem ao sagrado [ἱερά], cujo significado primitivo do sânscrito é “forte” ou força sagrada.<sup>416</sup> Tais “potências” das Escrituras, cuja fonte é Deus, têm endereço certo, finalidade própria: εἰς σωτηρίαν διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ.



Este critério missionário das Escrituras, coerente com o valor *kerigmático* acima aludido, funciona como um eixo por causa do sujeito cristológico e seu objeto salvífico: a medida das Escrituras é Jesus Cristo, e seu projeto de salvação é o centro, a meta e o limite onde repousa a justiça das Escrituras.<sup>417</sup> Não é condizente à comunidade de Éfeso, em sua reflexão teológica e ação pastoral, extrapolar as fronteiras da missão das Escrituras, sob risco de cair no precipício vazio das labutas gnósticas. As Sagradas Escrituras, no âmbito da igreja, em seu

<sup>415</sup> BALZ, H.; SHNEIDER, G. *Diccionario Exegetico Del Nuevo Testamento*, p. 1079.

<sup>416</sup> Cf. infra 3.4.3., p. 49, nota 162.

<sup>417</sup> Cf. infra 4.2.3., análise da *base do diagrama*, p. 78 ss.

anúncio e catequese, devem ser usadas sobretudo para salvação, um princípio soteriológico,<sup>418</sup> evitando discussões estéreis a essa dinâmica.

O acusativo salvífico das Escrituras se associa ao imperativo missionário dos apóstolos: “ide por todo mundo, pregai o evangelho [κηρύξατε τὸ εὐαγγέλιον] (...) quem crer e for batizado será salvo [σωθήσεται]” (Mc 16,15-16). Pregar Jesus Cristo e ensinar o caminho da salvação é a *Escritura em ação*; esta ação é um remédio contra as “conversas fúteis e mundanas [e] discussões tolas e descabidas” (2Tm 2,16.23): o conhecimento do poder das Escrituras a serviço da salvação e libertação, rigorosamente atrelado à missão salvífica do Filho do Homem,<sup>419</sup> denuncia, sutilmente, um tipo de vivência comunitária que almeja pela hegemonia do conhecimento e dominação religiosa:

“o caráter elitista e excludente da salvação na doutrina gnóstica, na medida em que seu pretense ‘conhecimento’, intuitivo e sobrenatural, só era acessível a algumas pessoas, graças a sua particular predisposição ou esforço. Estes seriam os ‘sábios’ e ‘justos’ e, os demais, ‘pecadores’ destinados à ‘perdição’”.<sup>420</sup>

O critério cristológico/soteriológico das Sagradas Escrituras não é um procedimento autômato, mecânico. É um princípio de sabedoria na Comunidade: pensar e agir conforme as Ἱερὰ Γράμματα significa pensar e agir com “sabedoria para salvação”. Ser ou se fazer sábio [σοφία] no sentido paulino é estar na σοφία τοῦ θεοῦ [sabedoria de Deus] (1Cor 1,17-31): “em Cristo Jesus, que se tornou para nós sabedoria proveniente de Deus” (1Cor 1,30).<sup>421</sup> Este critério salvífico é um princípio das Escrituras: tudo que o contradiz não faz parte da identidade da igreja, logo, ou é supérfluo ou é descartável, pois não tem a sabedoria de Deus contida nas Escrituras. A mensagem e a lógica subjacente no texto é: o gnosticismo, por descartar ou reduzir o valor sagrado das Escrituras, não tem a sabedoria para salvação, logo, é inútil para os cristãos.

<sup>418</sup> A regra soteriológica é “esboçada a partir de uma teologia cristocêntrica (o agir redentor de Deus encetado no AT chega à sua consumação no evento do Cristo) e de uma cristologia teocêntrica (significa que o Deus testemunhado por Jesus Cristo não é outro que aquele que já se revelava no AT)” (SCHNELLE, U. *Introdução à Exegese do Novo Testamento*, p. 168).

<sup>419</sup> Cf. Mt 9,6; 20,28; Mc 8,31; Lc 19,10.

<sup>420</sup> BRIGHENTI, A. *O Gnosticismo na Igreja Antiga e na Atualidade*, pp. 626-627. Cf. infra, 2.7.1., pp. 45-46, referente a nota 217.

<sup>421</sup> “La sapienza divina si è manifestata in Gesù Cristo (...) La sapienza di Dio è Dio che si fa essere umano – A sabedoria divina é manifestada em Jesus Cristo (...) A sabedoria de Deus é Deus que se faz ser humano” (BORGHI, E. *La Vita Cristiana è Sapiente?*, p. 299. 303).

O terceiro *critério é substancial*: usufruir toda a Escritura inspirada, pois *πάσα γραφή θεόπνευστος καὶ ὠφέλιμος* [toda a Escritura é inspirada por Deus e útil]. Esta regra substancial não é apenas por causa do substantivo “Escritura”, seu sentido é o da teologia clássica:<sup>422</sup> a Escritura inspirada por Deus é *essencial* para fé e missão da igreja. Sem a Escritura – e sua tradição – o cristianismo perderia a base substancial de sua fé, perderia a base hermenêutica da sua fé em Cristo Jesus, permitindo seu evento ser interpretado sob qualquer ótica, inclusive a gnóstica. A afirmação “toda a Escritura” parece ser uma reafirmação contra a idéia gnóstica de selecionar textos da Bíblia segundo seus interesses, descartando o restante como insignificantes; pior ainda, quando negavam as Escrituras hebraicas como insuficientes à fé e à verdade gnóstica, como visto acima. Para fé cristã, no entanto, é essencial crer que as Escrituras, no todo e nas partes, são inspiradas por Deus, porque elas testificam Jesus Cristo e sua obra redentora. Assim sendo, o que tem autoridade [*θεόπνευστος*] e utilidade [*ὠφέλιμος*] para mensurar e orientar a igreja não é uma determinada e determinista especulação humana fundada nas teorias gnóstica, e sim a razão humana fundada nas Escrituras, que, por sua vez, são inspiradas por Deus e úteis para formação e salvação. Assim, Timóteo e sua comunidade deveriam corrigir sua pregação e catequese [*διδασκαλίαν, ἐλεγμόν, ἐπανόρθωσιν, παιδείαν*], bem como sua ação [*ἔργον ἀγαθόν*], através de toda a Escritura inspirada por Deus para se manterem na sabedoria de Deus: a salvação através da fé em Jesus Cristo.

#### 5.1.4. Ἱερὰ Γράμματα – Função Transmissiva

As Escrituras funcionam como veículo qualificado para transmitir a tradição de fé, cooperar com a fidelidade pessoal – Timóteo –, e coletiva – a igreja reunida em Éfeso. A palavra de Deus expressa nas Escrituras é denominada de *στερεὸς θεμέλιος* [sólido fundamento] (2Tm 2,19), este fundamento – as Sagradas Escrituras – foi colocado por Deus e deve permanecer. A tarefa precípua da expressão Ἱερὰ Γράμματα no texto e no contexto da Segunda Carta é ser um instrumento eficaz para Timóteo combater a confusão de idéias que ferem a

<sup>422</sup> A substância é relativa à essência; a substância é o que se conhece por primeiro em uma experiência sensível, deste modo, por analogia, τὰ Ἱερὰ Γράμματα funcionam como a primeira reflexão

tradição e a verdade da fé cristã (2Tm 2,18), sendo o apoio para ele permanecer tanto na sua *fundação* (origem): μένε ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης – καὶ ὅτι ἀπὸ βρέφους [τὰ] ἱερὰ γράμματα οἶδας [permanece no que aprendeste e creste – e que desde criança as Sagradas Escrituras conheces] (vv. 14 a-15 a); como também permanecer no *fundamento* (Cristo): διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ [através da fé no Cristo Jesus].

Permanecer [μένε] nesta tradição contra os falsos ensinamentos era um imperativo de sobrevivência para a comunidade de Éfeso, e ainda é, para toda a Igreja, uma imposição cristã: imperativo de fidelidade à tradição e a própria identidade:<sup>423</sup> μένε ἐν τὰ ἱερὰ γράμματα διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ [permanece nas Sagradas Escrituras através da fé em Cristo Jesus]; eis uma das razões da Segunda Epístola a Timóteo ser uma malha imperativa.<sup>424</sup> Este imperativo funcional das Sagradas Escrituras se dá em três dimensões: 1ª. permanecer na tradição de fé das Escrituras Hebraicas; 2ª. através da fé em Jesus Cristo – tradição cristã; 3ª. no compromisso pessoal e pastoral de Timóteo com essas tradições.

1ª. *Permanece na tradição de fé das Ἱερὰ Γράμματα*. O verbo μένε no início da perícopé transpira a idéia de tradição, sendo condizente com a natureza literária das Ἱερὰ Γράμματα.<sup>425</sup> Na religião judaica, o conceito de tradição

---

da fé cristã, seu ponto de partida, e não o gnosticismo (para o conceito de substância cf. Marie-Joseph Nicolas, in TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica* I, pp. 98-99, vocabulário).

<sup>423</sup> τὴν καλὴν παραθήκην φύλαξον [guarda o bom depósito] (2Tm 1,14); ταῦτα παράθου πιστοῖς ἀνθρώποις [confia-o a homens fiéis]; ἔργον ποιήσον εὐαγγελιστοῦ [faze o trabalho de um evangelista] (2Tm 4,5).

<sup>424</sup> O modo imperativo é rico na 2Tm e funciona em alguns casos como uma exortação de apelo emocional: “1,8 (συγκακοπάθησον: imperativo aoristo); 1,13 (ἔχε: imperativo); 1,14 (φύλαξον: imperativo aoristo); 2,1 (ἐνδυναμοῦ: imperativo passivo); 2,2 (παράθου: imperativo aoristo, voz média); 2,3 (συγκακοπάθησον: imperativo aoristo); 2,7 (νόει: imperativo); 2,8 (μνημόνευε: imperativo); 2,14 (ὑπομίμησκε: imperativo); 2,15 (σπούδασον: imperativo aoristo); 2,16 (περιῦτασο: imperativo); 2,22 (φεύγε: imperativo); 2,23 (παραίτητοῦ: imperativo); 3,1 (γίνωσκε: imperativo); 3,5 (ἀποτρέπου: imperativo); 3,14 (μένε: imperativo); 4,2 (κήρυξον: imperativo aoristo, ἔλεγον: imperativo aoristo, ἐπιτίμησον: imperativo aoristo, παρακάλεσον: imperativo aoristo); 4,5 (νῆφε: imperativo, κακοπάθησον: imperativo aoristo, ποιήσον: imperativo aoristo, πληροφόρησον: imperativo aoristo); 4,9 (σπούδασον: imperativo aoristo); 4,11 (ἄγε: imperativo); 4,13 (φέρε: imperativo); 4,15 (φυλάσσου: imperativo, voz média); 4,19 (ἄσπασαι: imperativo aoristo)” (cf. MARTIN, S. C. *Pauli Testamentum – 2 Timothy and Last words of Moses*, p. 194, nota 9).

<sup>425</sup> “L’une des idées fondamentales de l’histoire des formes veut que la tradition biblique soit également un fait sociologique (K. L. Schmit), c’est-à-dire qu’elle ait son ‘Sitz im Leben’ dans la communauté d’Israël (AT) et de l’Église primitive (NT). Mais l’Écriture est déjà par elle-même une ‘tradition sainte’ et ne peut être comprise et interprétée en dehors de la tradition qui remonte à la même source – Uma das idéias fundamentais da história das formas foi que a tradição bíblica

engendra as Sagradas Escrituras e as Escrituras retro alimentam a tradição. Este aspecto do judaísmo acabou por influir na igreja primitiva que herdou dele as Escrituras.<sup>426</sup> Em Timóteo – judeu e cristão – esse duplo movimento da fé se encontra nos vv. 14 e 15: “nas Epístolas Pastorais, as escrituras inspiradas e as sólidas tradições cristãs parecem ocupar um lugar preponderante”.<sup>427</sup> Permanecer nas Sagradas Escrituras hebraicas é também tradição cristã.

Inusitada, porém, entre tantas aparições de μένω no Novo Testamento é o destaque do verbo no corpo joanino, 48 no total,<sup>428</sup> em sua maioria apelando à unidade com Cristo, em um único versículo ocorre três vezes: “permaneci em mim [μείνατε ἐν ἐμοί], e eu em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na [μένει ἐν τῇ] videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim [ἐν ἐμοὶ μένητε]” (Jo 15,4, cf. 8,31). A explicação de Mateos e Barreto para o significado do verbo: “*ater-vos a (...)* significa genericamente *permanecer em / dentro de*; aplicado a uma mensagem, *não sair de / ater-se*. Os paralelos com 15,4.9 (*menô en*) identificam ‘ater-se à mensagem’ com ‘manter-se unido a Jesus’ e ‘manter-se no seu amor’”.<sup>429</sup> Como se averigua nesta percepção do conceito verbal, transita um sentido de *traditio*, perpendicular à idéia do texto da perícopa, tanto para Timóteo: “Tu, porém, permanece no que aprendeste e creste, sabes de quem aprendeste, ...desde de criança” (vv. 14-15 a); como àqueles de quem ele pastoralmente cuida: “O que de mim ouvistes na presença de muitas testemunhas, confia-os a homens fiéis,” e estes, por sua vez, o

---

era igualmente um fato sociológico, isto significa que ela [tem] seu ‘Sitz im Leben’ entre a comunidade de Israel (AT) e da Igreja primitiva (NT). Mas a Escritura já é para ela mesma uma ‘tradição santa’ e não pode ser compreendida e interpretada fora da tradição que remonta a mesma fonte” (MUSSNER, F. *Histoire de l’Herméneutique*, p. 82).

<sup>426</sup> Cf. PONTIFICIA COMISIÓN BÍBLICA. *El Pueblo Judío y sus Escrituras Sagradas em la Biblia Cristiana*, n. 10.

<sup>427</sup> MOULE, C. F. D. *As Origens do Novo Testamento*, p. 195.

<sup>428</sup> a) μένει (indicativo): 9 no Evangelho e 13 na primeira carta; b) μένειν (infinitivo): 2 vezes no Evangelho e 1 na primeira carta; c) μένεις (indicativo): 1 vez na primeira carta; d) μένετε (indicativo): 1 vez no Evangelho e 1 vez na primeira carta; e) μένετε (imperativo): 2 vezes na primeira carta; f) μένετω (imperativo): 1 vez na primeira carta; g) μένη (subjuntivo): 3 vezes no Evangelho; h) μένητε (subjuntivo): 1 vez no Evangelho; i) μένομεν (indicativo): 1 vez no Evangelho; j) μένον (particípio): 1 vez no Evangelho; k) μένουσαν (particípio): 1 vez no Evangelho, 1 vez na primeira e na segunda carta; l) μένω (indicativo): 1 vez no Evangelho; m) μένων (particípio): 3 vezes no Evangelho, 1 vez na primeira, 2 vezes na segunda carta (fonte: BIBLEWORKS 7).

<sup>429</sup> MATEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de João*, p. 384.

transmitem aos demais: “que sejam idôneos para ensiná-los a outros” (2Tm 2,2).  
Um movimento contínuo.<sup>430</sup>

*Jesus Cristo*



*Apóstolos (Paulo) ⇒ Timóteo ⇒ homens fiéis*



*outros (Igreja)...*

O “traje” com o qual o verbo μένω vem revestido no v. 14 é de comando: μένε está no imperativo presente ativo. O modo *imperativo* expressa ordem, proibição, conselho e autoridade,<sup>431</sup> enquanto o significado do *presente ativo* “é de uma ação inacabada. Na prática isso significa que o presente do modo imperativo geralmente veicula a idéia de um preceito geral, isto é, uma regra de conduta a ser seguida em mais de uma situação”,<sup>432</sup> ou seja, ação repetida e continuada como uma verdadeira *tradição*, coerente com o sentido do verbo. O imperativo revela que se manter no “aprendeste e creste” e transmiti-lo a “homens fiéis” não é uma opção, mas uma missão de vida que suscita sacrifícios (4,6-7). Em contexto metafórico μένε ἐν (cf. *maneo*, lat.)<sup>433</sup> pode ser usado para “honrar um acordo” ou “permanecer em determinada esfera de vida”.<sup>434</sup> Esse sentido metafórico parece coincidir muito bem com o restante da frase: “no que aprendeste e creste”, e também com a tradição invocada nos personagens que lhe ensinaram, “sabes de quem aprendeste (...) desde criança [ἀπὸ βρέφους]” (14 b e 15 a). Segundo Spicq ἀπὸ βρέφους é um realce exagerado para salientar o quão cedo Timóteo foi

<sup>430</sup> “nas cartas pastorais estabelecem-se exatamente os elos de garantia: Cristo, Paulo, Timóteo, os fiéis e outros (2Tm 1,6-11; 2,2). Essa fidelidade é para ser entendida num sentido dinâmico, não fundamentalista” (MARCONCINI, B. *Os Evangelhos Sinóticos*, p. 64).

<sup>431</sup> A quem conteste o caráter de “ordem” do imperativo preterindo-o pelo seu sentido de “imposição” e optando por “exortação: “Quem ordena impõe, quem exorta propõe” (RODRIGUES, M. C. *Palavra de Deus, Palavra da Gente*, p. 88).

<sup>432</sup> SWETNAM, J. *Gramática Grega do Novo Testamento*, v. 1, p. 78; cf. REGA, L. S. *Noções do Grego Bíblico*, pp. 13 e 135-136.

<sup>433</sup> O termo homônimo latino *manêo* aponta para significados muito elucidativos cooperando com o verbo em grego, vejamos: “ficar”, “permanecer”, “morar” e “residir” (cf. em grego Jo 1,39), “durar”, “subsistir”, “persistir”, “perseverar”, “estar reservado a”, de fato enriquece o entendimento de *permane* no que *aprendeste e creste* do v. 14. Em tempo: curiosamente a Vulgata utiliza *permane*, *per* + *manêo*: “ficar até o fim”, “ficar com persistência”, “permanecer”, “conservar-se” (cf. BIBLIA SACRA. *Iuxta Vulgatam Versionem*. PORTO EDITORA, *Dicionário Latim-Português*, p. 411 e 500; TORRINHA, F. *Dicionário Latino-Português*, p. 500).

<sup>434</sup> Cf. COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 2, p. 1650.

iniciado no caminho das Escrituras.<sup>435</sup> A formação na tradição hebraica *in lato sensu* começava aos 5 anos passando por vários estágios como a casa paterna, a sinagoga e a escola.<sup>436</sup> Num primeiro momento, era confiada à mãe fomentar nos filhos a tradição (cf. 2Tm 1,5):<sup>437</sup> em termos poéticos o “pequeno Timóteo aprendeu, portanto, em cima do joelho (no colo) de sua mãe Eunice a ler τὰ ἱερὰ γράμματα”.<sup>438</sup> Esta tradição religiosa tem seus primeiros passos no centro das Escrituras, o *Shema* (Dt 6,4-9), onde a criança repetia a oração do dia-a-dia.<sup>439</sup> Não por acaso, παρὰ τίνων ἔμαθες + ἀπὸ βρέφους, precedidas por suas respectivas preposições genitivas – de quem + desde – conectam-se para acentuar o conceito de tradição: “O conceito de tradição é, primeiro acentuado pelo sentido da expressão ‘de quem você tem aprendido’ (...) O conceito de tradição é, contudo, também enfatizado com ‘desde que você era uma criança’”.<sup>440</sup> Esta concepção, por sua vez, vincula-se aos arquétipos da mentalidade tradicional judaica, estereotipada nos rolos das Escrituras: Bassler faz associação da tradição recebida com a Sagrada Escritura, entendendo esta como raiz que sustenta e viabiliza aquela, ou seja, o seu prolongamento.<sup>441</sup> Com efeito, seja na recitação mnemônica doméstica ou na leitura sinagoga, o aprendizado era tramado pelas Escrituras: “A leitura bíblica era o eixo da formação”.<sup>442</sup> É exatamente neste eixo que “Timóteo é

<sup>435</sup> “L’expression est hyperbolique (ἀπὸ βρέφους, cf. Lc 2,12-16; 18,15; At 7,19; 1Pd 2,2)” (SPICQ, C. *Les Épitres Pastorales*, tome II, p. 785).

<sup>436</sup> Cf. MONASTERIO, R. A.; CARMONA, A. R. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, pp. 23-24; RIENECKER, F., ROGERS, C. *Chave Lingüística do Novo Testamento Grego*, p. 479; FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 330, nota 29; MESTERS, C. *Paulo Apóstolo – Um Trabalhador que Anuncia o Evangelho*, p. 16.

<sup>437</sup> MAZZAROLO, I. *Paulo de Tarso – Tópicos de Antropologia Bíblica*, p. 75.

<sup>438</sup> “Le petit Timothée apprit donc sur les genoux de sa mère Eunice à lire τὰ ἱερὰ γράμματα” (SPICQ, C. *Les Épitres Pastorales*, tome II, p. 786. Sobre τίνων – de quais pessoas Timóteo aprendeu – consultar a crítica textual do v. 14. É provável que a formação de Timóteo nas Sagradas Escrituras seja algo mais que conjectura: ele é “de raça hebraica por parte da mãe. O pai, ao invés, é um pagão, talvez, pelo modo de falar dos Atos, já falecido. Os filhos nascidos de matrimônio misto, reprovados pela lei judaica, seguiam a religião da mãe, ou seja, neste caso Timóteo era considerado judeu” (FABRIS, R. *Os Atos dos Apóstolos*, p. 310).

<sup>439</sup> Cf. MARCONCINI, B. *Os Evangelhos Sinóticos*, p. 43.

<sup>440</sup> “The concept of tradition is, first stressed by means of the expression ‘from whom you have learned’ (παρὰ τίνων) (...) The concept of tradition is however, also emphasized with ‘ever since you were a child’ (ἀπὸ βρέφους)” (DIBELIUS, M. CONZELMANN, H. *The Pastoral Epistles*, p. 119).

<sup>441</sup> “His firm grounding in scripture, which confirms the tradition, confides another (v.16) – Sua segurança fundamenta-se na escritura, que confirma a tradição, confiando a outro” (BASSLER, J. M. *1 Timothy, 2 Timothy, Titus*, p. 166).

<sup>442</sup> MESTERS, C. *Paulo Apóstolo – Um Trabalhador que Anuncia o Evangelho*, p. 17. “Outro apoio para sua vida cristã e para o desempenho do seu cargo são as Sagradas Escrituras que ele conhece desde a infância. Desde os primeiros tempos de sua juventude, foi instruído na sinagoga,

estimulado a continuar fiel ao que ele aprendeu em sua infância, especialmente às Escrituras judaicas”.<sup>443</sup>

A formação tradicional, εἰδὼς παρὰ τίνων ἔμαθες [sabes de quem aprendeste],<sup>444</sup> não era um conteúdo puramente teórico, desencarnado do processo histórico e da relação do povo com seu Deus. Era um processo de dimensão religiosa, daí do binômio ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης [aprendeste e creste]. Em princípio, a formação da fé judaica, em sua tradição oral e escrita, se fazia nos termos fixados da Aliança [בְּרִית]. Não se estranha, assim, a denominação do estatuto da fé como “livro da Aliança” (Ex 24,7). Crer e ser fiel a Deus é também crer e ser fiel aos seus escritos sagrados (cf. Ex 20,1; 34,1), ser fiel a Deus é ser fiel ao livro da Aliança.<sup>445</sup> Outrossim, o verbo no aoristo usado em 2Tm 3,14 “creste” – ἐπιστώθης [πιστόομαι/πιστώω] –<sup>446</sup> é fidelidade às Sagradas Escrituras como memorial da Aliança e da Tradição: “πιστώω emprega-se como seguro estável (contínuo, firme) qual espírito de fidelidade a Deus e em sua Aliança (Sl 77,8.37, versão LXX)”.<sup>447</sup>

---

como também por sua mãe e avó (1,5), nas Escrituras do Antigo Testamento” (BORTOLINI, J. *Como Ler a Segunda Carta a Timóteo*, pp. 72-73).

<sup>443</sup> Análise geral sobre 2Tm 3,14-15 em BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*, pp. 881-882.

<sup>444</sup> Cf. 2Tm 1,13; 2,2.8; 3,10.14-15.

<sup>445</sup> Uma analogia propícia: os termos da Aliança – as palavras de Deus (Ex 20,1ss; 34,1) – foram redigidos em tábuas de pedra, uma vez redigidas por Deus tornaram-se *escrituras sagradas* (cf. Ex 24,12). Acreditar nestas escrituras sagradas (mandamentos) é acreditar, por “autonomasia”, no próprio Deus; negá-las equivale, de certo modo, negar a Deus e incorrer em sentença (Ex 24,3; 34,10; Dt 30,15-20; Js 1,6-8). Com está associação de idéias compreende-se melhor que “uma aliança acompanhada de sinais, sacrifícios e um juramento solene que selava o pacto com promessas de bênção para quem guardasse a aliança e de maldição para quem a quebrasse” (HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, verbete בְּרִית, p. 214).

<sup>446</sup> As gramáticas e os dicionários consultados (cf. bibliografia) remetem um termo ao outro. Spicq não faz distinção radical de conteúdo ou de sentido, cf. abaixo nota 258. O bom senso nega uma separação hermética dos termos: como “crer”, “estar convencido” [πιστόομαι] sem “fé/fidelidade” [πίστις]? E como ter πίστις sem se “tornar fiel” [πιστώω]? Empreender uma dicotomia ou separação estanque entre os vocábulos nega a fé bíblica: existencial e concreta (comparar em RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, pp. 375-376). “πίστις in greco può effettivamente avere il senso di fedeltà e questo senso consente una interpretazione plausibile dei testi – πίστις em grego pode efetivamente ter o sentido de fidelidade / ser fiel e este sentido permite uma interpretação intelectualmente plausível” (VANHOYE, A. *Fede in Cristo o Affidabilità di Cristo?*, p.7).

<sup>447</sup> Comentário sobre o verbo ἐπιστώθης do v. 14: “πιστώω (*hap.* NT) s’emploie de l’assurance stable que l’esprit du fidèle a em Dieu et en son Alliance (*Ps.* LXXVIII, 8, 37)” (SPICQ, C. *Les Épîtres Pastorales*, tome II, p.785). Os dois versículos do Salmo 78/77 contêm derivação do verbo *πιστώω* como fidelidade à Aliança.

A função transmissiva das Escrituras, como meio de perpetuar a tradição da Aliança – fé no único Deus –, foi capital pelo seu caráter existencial para os judeus nos tempos da monarquia, do exílio ou na dispersão: ela foi referência de identidade e sobrevivência religiosa durante os encontros e confrontos culturais com as nações mesopotâmicas e os costumes greco-romanos; foi o fundamento da vida e da piedade do povo de Deus, mais excelente que a terra e o templo.<sup>448</sup>

“Sê firme e corajoso, porque farás este povo herdar a terra que a seus pais jurei dar-lhes. Tão-somente sê de fato firme e corajoso, para teres o cuidado de agir segundo a Lei [הַתּוֹרָה] que te ordenou Moisés, meu servo. Não te apartes dela, nem para a direita nem para esquerda, para que triunfes em todas as tuas realizações. Que o livro desta Lei [סֵפֶר הַתּוֹרָה – ἡ βίβλος τοῦ νόμου] esteja sempre nos teus lábios: medita nele dia e noite, para que tenhas o cuidado de agir de acordo com tudo que está escrito nele. Assim serás bem sucedido nas tuas realizações e alcançarás êxito” (Js 1,6-8).

Em geral, Israel tinha uma apurada consciência das Escrituras como a palavra do Senhor, meio de subsistência espiritual<sup>449</sup> e mandamento divino – regra e ordem –<sup>450</sup> nas mais diversas e adversas circunstâncias. Porém, a *Tānaq* – e mais tarde τὰ Ἱερὰ Γράμματα [LXX] – tinha suas complexidades, uma profusão de leis. O vocábulo hebraico *torah* (Lei) ocorre 220 vezes no Antigo Testamento em oito categorias: liderança, militar, criminal, propriedade, solidariedade, pessoa e família, territorial, e regras sociais.<sup>451</sup> Somando são 613 mandamentos sem computar todas as hermenêuticas judaicas em torno Lei.<sup>452</sup> Diante de tamanha envergadura de jurisprudência, uma síntese articuladora é perseguida cotidianamente na forma de um centro histórico-teológico: שְׁמַע.

<sup>448</sup> Cf. CERESKO, A. R. *A Sabedoria no Antigo Testamento*, pp. 33-34; ORCHARD, B. et al. *Verbum Dei: Comentario a la Sagrada Escritura*, tomo III, p. 22

<sup>449</sup> Cf. PONTIFICIA COMISIÓN BÍBLICA. *El Pueblo Judío y sus Escrituras Sagradas em la Biblia Cristiana*, n. 5, em: <www.vatican.va ou www.libreriaeditricvaticana.com>.

<sup>450</sup> דְּבַר־יְהוָה [d̥bar-yhwh(?ādōnāy) šaw lāšāw šaw lāšāw qaw lāqāw qaw lāqāw] – “a palavra do Senhor lhes será mandamento sobre mandamento, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, regra sobre regra” (Is 28,13). “palavras do Senhor”: são mandamentos que Deus dá ao seu povo (...) Na sua forma primitiva, trata-se de dez mandamentos apodícticos, palavras que encarnam e transmitem a vontade de Deus” (L. Alonso-Schökel em SCHREINER, J. (Ed.). *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*, p. 20).

<sup>451</sup> Cf. DOUGLAS, J. D. (Org.), *O Novo Dicionário da Bíblia*, p. 761; YOUNGBLOOD, R. F. (Ed.). *Dicionário Ilustrado da Bíblia*, p. 841.

<sup>452</sup> Os 613 mandamentos estão reunidos em uma coletânea chamada *Taryag* (cf. EPHRAÏM. *Jesus, Judeu Praticante*, p. 205).

“Escuta, Israel! O Senhor, nosso Deus, é o Senhor que é um [יְהוָה אֱלֹהֵינוּ]. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com todo o teu ser, com todas as tuas forças. As palavras dos mandamentos que hoje te dou estarão sobre o teu coração; tu as repetirás a teus filhos; tu lhes falarás deles quando estiveres em casa e quando andares pela estrada, quando estiveres deitado e quando estiveres de pé; tu farás deles um sinal amarrado à tua mão, uma faixa entre teus olhos; tu os inscreverás sobre as ombreiras da porta de tua casa e na entrada de tua cidade” (Dt 6,4-9).

É a confissão de fé o núcleo das Escrituras, não simples confissão doutrinal monoteísta, mas princípio vital.

Um princípio “capaz de unificar toda existência em cada aspecto seu (na sua cotidianidade e na sua totalidade) na obediência total a Deus que manifesta a sua vontade na lei da aliança (...) Aqui interessa somente lembrar que o *Shema*’, recitado duas vezes ao dia, constitui o eixo da religiosidade judaica, seu coração e, coisa que não me parece suficientemente considerada, por isso mesmo se torna o princípio hermenêutico fundamental de toda Escritura: o reconhecimento de um único Deus se concretiza num amor total por Ele e por isso na obediência às palavras da lei da aliança (Na origem o *Shema*’ era recitado depois do decálogo, formando com este um todo)”.<sup>453</sup>

A afirmação acima de Pesce merece destaque: a hermenêutica fundamental das Escrituras é a fidelidade incondicional ao Deus único. Indubitavelmente, Paulo, tendo o coração enraizado na tradição de fé do *Šema*,<sup>454</sup> traspasa o centro da *Tānaḵ* para fé cristã: “existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor [κύριος] Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos” (1Cor 8,6).<sup>455</sup> Nas Sagradas Escrituras usadas pelos cristãos da diáspora – LXX – o centro das Escrituras soa: ἄκουε Ἰσραηλ κύριος ὁ θεὸς ἡμῶν κύριος εἷς ἐστίν [ouve Israel o Senhor Deus, o Senhor é um]; assim, o Deus único do *Šema*, centro unificador das Escrituras, é também o Senhor Jesus Cristo, realizador das Escrituras: “Saiba, portanto, com certeza, toda a casa de Israel: Deus o constitui Senhor e Cristo [κύριον αὐτὸν καὶ χριστὸν ἐποίησεν ὁ θεός], este Jesus a quem vós crucificastes” (At 2,36). Este centro unificador das Escrituras foi reconfigurado por Deus mesmo = ἐποίησεν ὁ θεός [יְהוָה אֱלֹהֵינוּ], tal feito divino está expresso no v. 15 da perícopa: “as Sagradas Escrituras conheceis, as que têm poder de te dar sabedoria para salvação através da fé em

<sup>453</sup> PESCE, M. *As Duas Faces da Pregação de Paulo*, p. 95, cf. nota 14.

<sup>454</sup> “Dou graças a Deus, a quem sirvo em continuidade com meus antepassados” (2Tm 1,3).

<sup>455</sup> Cf. DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 59 e 301.

Cristo Jesus [διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ]”. Doravante o núcleo da tradição de fé das *Hiéra Grammata* é “filtrado” pela tradição de fé em Jesus Cristo, Filho único de Deus e único Senhor. Isto não significa em absoluto a exclusão final da Bíblia Hebraica e seu núcleo, ao contrário, é renovação vital; ela, a Bíblia Hebraica em sua versão grega, é assumida pelo cristianismo como sua herança, sendo seu centro é reinterpretado pelo evento crístico.<sup>456</sup> Jesus Cristo é o conteúdo central da Ἱερὰ Γράμματα, seu princípio hermenêutico independente de época e cultura: a fidelidade ao Deus único em seu Filho único, o Senhor e Salvador.<sup>457</sup>

Jesus Cristo ao concentrar em si a razão das Escrituras (Jo 5,39), faz o mesmo com a sua tradição (1Cor 15,1-4), acaba por torná-la “cristocêntrica”, transferindo, teologicamente, à tradição das Ἱερὰ Γράμματα características cristológicas: sua missão, desde seu nome [y<sup>c</sup>shû‘â], está ligada à salvação [σωτηρία] (Lc 1,31.77; 2,11; Jo 4,42; 1Tm 1,1; 2Tm 2,10),<sup>458</sup> seu poder [δύναμις] para fazer o bem (Mc 5,30; Lc 5,17; 6,19; At 10,38)<sup>459</sup> transmitido aos seus discípulos (Lc 9,1; 24,49; At 1,8). Estas características cristológicas podem ser identificadas nas características da locução: “as Sagradas Escrituras conheces, as que têm poder [δυνάμενά] de te dar sabedoria para salvação [σωτηρίαν] através da fé em Cristo Jesus” (v. 15). Logo, a função das Sagradas Escrituras de transmitir a tradição de fé dos judeus, tornou-se funcional também para os cristãos.

2<sup>a</sup>. *Através da fé em Cristo Jesus* [διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ]. Jesus deu um novo significado à Aliança e às Escrituras. É um imperativo para a igreja

<sup>456</sup> “Em quase todas as páginas do Novo Testamento, é literalmente palpável que o cristianismo necessita da Bíblia judaica como fundamento. Para alcançar as pessoas com a mensagem do agir escatológico de Deus através de Jesus Cristo, cita-se textualmente sempre de novo a ‘Escritura’ (i. é, a Bíblia judaica), ou se alude a ela como tema. A ‘Lei e os Profetas’ constituem o horizonte explicitador e legitimador do testemunho neotestamentário do Cristo” (ZENGER, E. et al. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 18).

<sup>457</sup> “Não te envergonhes, pois, de dar testemunho de nosso Senhor [κυρίου]” (2Tm 1,8); “Guarda o bom depósito” (2Tm 1,14); “Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mortos da descendência de Davi” (2Tm 2,8).

<sup>458</sup> “Jesus põe o anúncio de salvação no centro de sua pregação (...) A pregação de Jesus e sua conduta trouxeram a salvação escatológica” (THEISSEN, G. MERZ, A. *O Jesus Histórico – Um Manual*, p. 288).

<sup>459</sup> “Terapias são milagres de cura em que não ocorre nenhuma luta; a cura é, antes, provocada pela transferência de uma energia miraculosa do taumaturgo para o doente” (THEISSEN, G. MERZ, A. *O Jesus Histórico – Um Manual*, p. 317).

de Éfeso, contemplando o livro da Aliança em vista da sua identidade, cultivar aquela tradição cuja tipologia condiz e conduz a nova aliança com Deus em Cristo.<sup>460</sup> Dispensar esta tradição sob argumento gnóstico é como erradicar o seu “DNA”;<sup>461</sup> seria fazer como a parábola do Filho Pródigo (Lc 15,11ss): exigir todos os bens sem direito, gastar tudo, e saciar-se nas lavagens dos novos misticismos. Melhor para a Comunidade é seguir o conselho do Senhor Jesus:

“Não penseis que vim revogar a Lei e os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes cumprimento, porque em verdade vos digo que, até que passem o céu e a terra, não será omitido um só *i*, uma só virgula da Lei, sem que tudo seja realizado. Aquele, portanto, que violar um só desses menores mandamentos e ensinar os homens a fazerem o mesmo, será chamado o menor no Reino dos Céus. Aquele, porém, que os praticar e o ensinar, esse será chamado grande no Reino dos Céus” (Mt 5,17-19).

Os cristãos de Éfeso não devem abolir, sob influxo do gnosticismo, os baldrames do cristianismo [a Lei e os Profetas], e sim permanecer neles à luz da fé em Cristo (2Tm 3,15), assim ela poderá continuar crescendo [será chamado grande], pois sem alicerce nada fica em pé, nem a identidade nem a missão.

É alto o risco oferecido pelo gnosticismo à fé judaica com sua proposta de conhecimento [*gnose*] fora das Escrituras de Deus; pior, em alguns casos negando-a. O mesmo perigo também ronda a jovem igreja cristã: “Naquele tempo, todo anúncio de Jesus Cristo – sobretudo aos de origem judaica – era feito a partir do Antigo Testamento”,<sup>462</sup> ou seja, das *Hiéra Grammata*.

Na perícopete, 2Tm 3,14-17, o *ter fé no único Deus* dá um salto qualitativo para além das estruturas hebraicas: μένε ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης [permanece no que aprendeste e creste] é configurado pela realização das Escrituras, ou seja, Jesus Cristo (cf. Mc 14,49; Mt 26,56; Lc 4,16-21; 24,27.44-47; Jo 5,39; At 18,28; Rm 1,1-6; 16,26-26; 1Cor 15,3-4; Hb 1,1-2). Para a igreja primitiva – como para a hodierna –, as Sagradas Escrituras inspiradas por Deus [Θεός/θεόπνευστος] só podem encontrar sua força sagrada [ἱερὰ], seu poder [δυνάμενά] e sua capacidade

<sup>460</sup> “Mas a economia da salvação, prenunciada, narrada e explicada pelos autores sagrados, encontra-se como verdadeira palavra de Deus nos livros do Antigo Testamento (...) A economia do Antigo Testamento estava ordenada principalmente para preparar a vinda de Cristo, redentor de todos, e de seu Reino Messiânico, para anunciá-la profeticamente (cf. Lc 24,44; Jo 5,39; 1Pd 1,10) e dá-la a conhecer através de várias figuras (cf. 1Cor 10,11)” (CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 14, 15).

<sup>461</sup> Cf. 2Tm 1,1.9-10.13; 2,8; 3,15.

<sup>462</sup> BORTOLINI, J. *Como Ler a Segunda Carta a Timóteo*, p. 40.

de fazer sábio [σοφίσαι] em vista da salvação [σωτηρίαν], se obtiver sua plena realização [διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ]. Permanecer e crer na tradição das Sagradas Escrituras, para a igreja de Éfeso, é permanecer e crer em Jesus Cristo, e vice-versa.

A relação da fé em Cristo – evento Pascal – com as Escrituras remonta das formas pré-literárias do cristianismo, foi assim desde o princípio mais remoto da tradição cristã.<sup>463</sup> “Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Cor 15,3-4).<sup>464</sup> Aqui, o verbo no aoristo ἐπιστώθης (v. 14 a) se alinha com o substantivo πίστεως (15 a) em uma mesma direção: confiança na mensagem de salvação em Cristo recebida das Escrituras, pois crer e ter fé “significa o recebimento da mensagem da salvação (*hē pistis* [ἡ πίστις] Rm 1,8; 1Cor 2,5; 15,14.17). É explicitamente uma fé salvadora, baseada na cruz de Jesus e sua ressurreição (1Cor 15,3-4.11)”.<sup>465</sup> *Mutatis mutandis*, é a fé em Cristo, no sentido hebraico, que concede às Sagradas Escrituras sua estabilidade, segurança, firmeza, fazendo de Jesus o *amém* de Deus às Sagradas Escrituras.<sup>466</sup> “Por meio de todas as palavras da Sagrada Escritura, Deus pronuncia uma só Palavra, seu Verbo único, no qual se expressa por inteiro”.<sup>467</sup> Sendo assim, Timóteo e a igreja de Éfeso pelo bem da sua origem e

<sup>463</sup> Cf. VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, pp. 39-51.

<sup>464</sup> “Aqui estamos perante uma confissão de fé cuja antiguidade ninguém põe em dúvida. O próprio ritmo desta passagem, os termos usados, levaram, entre outras razões, os especialistas a pensar que se trata de um texto anterior a Paulo” (BEAUDE, P-M. *De Acordo com as Escrituras*, p. 11). Esta tradição, “segundo indícios lingüísticos, seguramente remonta à comunidade primitiva, que falava aramaico” (KÜMMEL, W. G. *Síntese Teológica do Novo Testamento*, p. 131).

<sup>465</sup> COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, verbete: *pistis*, p. 816. J. Jeremias investiga os termos πίστις [fé] / πιστεύειν [crer], segundo ele nos sinóticos os dois termos somam por página 0,24x, em Paulo 1,25x; no primeiro caso encontra-se uma fórmula ligada à salvação ἡ πίστις σου σέσωκέν σε [a tua fé te salvou] (Mc 5,34); mais enfático ele afirma: “No que respeita ao tema mesmo, toda mensagem de Jesus não passa de um único apelo à aceitação da oferta da salvação, uma única conclamação a abandonar-se à sua palavra e a confiar na graça de Deus, ou seja, é um apelo a fé, ainda que o termo não se faça presente com frequência” (JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*, pp. 244-245; 251-252).

<sup>466</sup> Em hebraico, “fé” [πίστις] é o verbo פָּאָן (*’āman*) cujo sentido fundamental de *firmeza, estabilidade e segurança* é aplicado a Deus (cf. VANHOYE, A. *Fede in Cristo o Affidabilità di Cristo?*, p. 4; HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, p. 85. “De fato, ‘não se pode encontrar o sentido do cristianismo – dizia o Padre Lagrange – por meio de um agrupamento de textos, se não se penetra até a razão de ser de tudo. Trata-se de um organismo, cujo princípio vital é único. Ele já foi descoberto há muito tempo: é a Encarnação de Jesus Cristo, é a salvação assegurada aos homens pela graça da redenção. Procurando em outras partes o exegeta expor-se-ia a enveredar por um caminho errado” (Paulo VI em TEXTOS OFICIAIS DA IGREJA. *Como Ler e Entender a Bíblia Hoje*, pp. 16-17).

<sup>467</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 102.

identidade, deve permanecer na tradição paulina: “Toma por modelo as sãs palavras que de mim ouvistes, com fé e com amor que está em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito, por meio do Espírito Santo que está em vós” (2Tm 1,13-14). Esta tradição paulina, é a tradição apostólica que se alimenta e se sustenta nas Sagradas Escrituras: “A Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura estão portanto entre si estreitamente unidas e comunicantes”.<sup>468</sup>

A missão de Timóteo consiste nisto: manter a igreja de Éfeso na tradição de fé das Escrituras Sagradas combatendo o falso conhecimento – provavelmente gnóstico –, sendo esta missão um imperativo pessoal e não apenas um compromisso mecânico da sua função de líder [Σὺ δὲ μένε ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης].

3ª. Ἱερὰ Γράμματα: *imperativo pastoral e pessoal* [Σὺ δὲ μένε ἐν]. A função das Ἱερὰ Γράμματα de transmitir a tradição de fé – o centro das Escrituras através da fé em Cristo – deve ser assumida por Timóteo e a comunidade. O contexto no qual é confiado ao jovem líder o serviço pastoral da comunidade de Éfeso é eclesialmente dramático (cf. 1Tm 1,3; 2Tm 1,6-9.13-14):<sup>469</sup> “Por ocasião da partida para Macedônia, Paulo deixou Timóteo em Éfeso, para dar continuidade ao combate aos hereges (1Tm 1,3ss)”.<sup>470</sup> Este combate, como foi demonstrado no quadro circunstancial,<sup>471</sup> acontece em várias frentes e impõe um certo dilema. Sem seu baldrame – a fé dos hebreus (cf. Rm 4,1-25; Hb 11,1-12) – o cristianismo estava fadado a desmoronar; no entanto, submeter-se às fábulas e tradições humanas impostas pelo judaísmo,<sup>472</sup> além de ser subserviência, subverteria o cristianismo, tornando sua visão de mundo limítrofe. A solução, única possível, é se pautar por um axioma que contemple a fé de Abraão e ao mesmo tempo contemple a esperança dos cristãos: a tradição das ἱερὰ γράμματα, διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ. Permanecer neste caminho dos patriarcas, dos profetas, de

<sup>468</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 9.

<sup>469</sup> A segunda Epístola a Timóteo foi escrita “numa situação de perseguição” e de “tempos difíceis” (LÄPPLE, A. *Bíblia – Interpretação Atualizada e Catequese*, v. 3, p. 223-224).

<sup>470</sup> VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, p. 256. Aparentemente Timóteo não era marinheiro de primeira viagem na missão de socorrer as comunidades: “e enviamos a Timóteo, nosso irmão e ministro de Deus na pregação do evangelho de Cristo, com o fim de vos fortificar e exortar na fé, para que ninguém desfaleça nestas tribulações” (1Ts 3,2-3).

<sup>471</sup> Cf. *infra*, 4.4.1. *f*, p. 88.

<sup>472</sup> Cf. Mt 15,2-6; Mc 7,8-13; Cl 2,8; 1Pd 1,15; tradições que se contrapõem as dos apóstolos (cf. 2Ts 3,6).

Jesus, dos apóstolos, de Paulo, de sua mãe, e da sua comunidade, é o imperativo pessoal e emocional de Timóteo [Σὺ δὲ μένε ἐν], a tarefa que lhe foi confiada no combate aos falsos doutores (1Tm 1,3.18).<sup>473</sup>

A missão do líder, longe de ser passiva, envolve uma tomada de consciência e responsabilidade pessoal porque ele ἀπὸ βρέφους [τὰ] ἱερὰ γράμματα οἶδας (15 a). A análise sintática desta frase revela uma composição no caso acusativo: as “Sagradas Escrituras” é objeto direto do verbo οἶδας [conheces], estando no perfeito do indicativo ativo entra em harmonia e continuidade de conhecimento com a expressão *hiéra grammata*, inclusive no tempo presente. A voz ativa do verbo, coloca Timóteo como o agente principal da ação de conhecer a Escritura e todo o seu segmento (v. 16). Tudo no verso (v. 15 a) e seu contexto remetem a um tempo-contínuo que veio do aoristo [ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης] e se torna “resultado presente de uma ação anterior” [οἶδας],<sup>474</sup> no *hic et nunc* de Timóteo e da comunidade. A análise demonstra a intensa atividade a que o líder Timóteo está sujeito na tarefa de envolver a comunidade de Éfeso em sua missão: permanecer na tradição das Sagradas Escrituras através da fé em Jesus Cristo. De modo ilustrativo, e mudando a pessoa verbal, o sentido efetivo poderia ser este:

“Eu conheço as Sagradas Escrituras porque desde criança me foram ensinadas. Aprendi a acreditar na salvação de Cristo Jesus em casa e no ensinamento do apóstolo Paulo,<sup>475</sup> através da sabedoria da Escritura inspirada por Deus. Persevero no seu conhecimento pois ela é útil à educação na justiça da igreja e no combate aos falsos mestres. Então, para mim, homem de Deus, é uma questão de honra, amor e dedicação [imperativo pessoal] pela leitura das Escrituras me preparar e me fortalecer para minha boa ação: permanecer e transmitir o que eu mesmo recebi e conheço: τὰ ἱερὰ γράμματα, que têm poder de dar sabedoria para salvação através da fé em Cristo Jesus. É a minha missão” (cf. 1Tm 4,13; 2Tm 1,5.8.12.16; 2,1.2; 3,14-17).

<sup>473</sup> As Pastorais descrevem uma lista de tarefas tanto a Timóteo como a Tito: “Eles mesmos deviam permanecer firmes e perseverantes (2Tm 3,14; 1Tm 4,16). Deviam conservar a fé cuidadosa e fielmente (1Tm 4,15s; 6,20; 2Tm 1,13-14). Deviam ter uma boa conduta de vida, pois deviam ser exemplos em todas as virtudes e em todas as boas obras (1Tm 4,12; Tt 2,7). E, quanto às obrigações para com a comunidade, é-lhes recomendado que ‘recordem’, ‘anunciem’ e ‘testemunhem’ no ensino e na pregação (veja p. ex. 2Tm 4,1ss). Devem evitar novidades teológicas e palavreados vãos (1Tm 4,7; 6,20). Devem refutar as falsas doutrinas (1Tm 1,3). Sua grande tarefa é conservar a sã doutrina e transmiti-la (1Tm 4,11; 6,3). Não tenham pressa de impor as mãos (1Tm 5,22) (...) e cultivem a oração com a comunidade (1Tm 2,1-12). Não há dúvida que Timóteo e Tito exercem responsabilidades nas comunidades em diversos sentidos. Mas não se consegue formar um conceito, nem encontrar um nome para esse ministério” (VENETZ, H. *Foi assim que a Igreja Começou – Um Olhar sobre o Novo Testamento*, p. 202).

<sup>474</sup> Cf. SWETNAM, J. *Gramática Grega do Novo Testamento*, v. 1, p. 61 e 138; FREIRE, A. *Gramática Grega*, p. 75; REGA, L. S. *Noções do Grego Bíblico*, p. 123.

<sup>475</sup> Cf. 1Tm 1,2; 6,20; 2Tm 1,2.6; 2,1-2. Timóteo foi convertido por Paulo (cf. MAZZAROLO, I. A *Bíblia em suas mãos*, p. 203; FABRIS, R. *Os Atos dos Apóstolos*, p. 310).

A radicalidade da exortação está inserida neste efeito psicológico no destinatário, exigindo de sua parte um (quase) juramento pessoal de fidelidade à tradição e à missão expressas nas Ἱερὰ Γράμματα. Um juramento profético de compromisso com a fé de Abraão e Moisés, através da fé em Jesus Cristo. Por não ser um objeto mágico, as Escrituras exigem um envolvimento pessoal, uma aceitação pessoal, um compromisso pessoal com sua tradição de fé para funcionar como instrumento de Deus para transmitir a sabedoria que conduz a salvação através da fé no Cristo Jesus [τὰ Ἱερὰ γράμματα οἶδας, τὰ δυνάμενά σε σοφίσαι εἰς σωτηρίαν διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ]. Tal envolvimento é característico de um tipo de homem: o homem de Deus [θεοῦ ἄνθρωπος].

A missão de Timóteo é um compromisso pessoal porque o *homem de Deus* que deve estar preparado pelo uso das Escrituras inspiradas para boa ação é, em princípio, ele mesmo (vv. 16-17). A expressão θεοῦ ἄνθρωπος [homem de Deus] é usada tecnicamente na LXX – ἄνθρωπος τοῦ θεοῦ – para designar Moisés, o líder do povo e servo do Senhor (cf. Dt 33,1; Js 14,6; 1Cr 23,14; 2Cr 30,16; Esd 3,2; Sl 89/90, 1).<sup>476</sup> O termo aparece em 1Tm 6,11 referindo-se a Timóteo: “Tu, porém, ó homem de Deus [ἄνθρωπε θεοῦ], fuge destas coisas, procura antes a justiça [δικαιοσύνην], a piedade, a fé [πίστιν], a caridade, a constância, a mansidão”. Os comentaristas parecem estar de acordo em aplicar a expressão, em primeira instância, ao líder da comunidade, Timóteo: “O texto Grego, porém, não se refere a ‘todos que pertencem a Deus’ (i. é, todos os Cristãos), mas ao ‘o homem de Deus’ (*Gr. ho tou theou anthrōpos*). A mesma frase aparece em 1Tm 6,11, onde se refere a Timóteo em sua função de líder da igreja”.<sup>477</sup> Aquele que forjado pelas Ἱερὰ Γράμματα combate os falsos mestres.<sup>478</sup> Esta é uma das finalidades supremas

<sup>476</sup> LEVORATTI, A. J. *Comentario Bíblico Latinoamericano*, p. 1029.

<sup>477</sup> “The Greek text, however, does not refer to ‘everyone who belongs to God’ (i. e., every Christian) but to ‘the man of God’ (Gk. *ho tou theou anthrōpos*). The same phrase appears in 1Tim 6:11, where it refers to Timothy in his role as church leader” (BASSLER, J. M. *1 Timothy, 2 Timothy, Titus*, pp. 168-169). Cf. DIBELIUS, M. CONZELMANN, H. *The Pastoral Epistles*, p. 87; HANSON, A. T. *The Pastoral Letters*, p. 96; ORCHARD, B. et al. *Verbum Dei: Comentario a la Sagrada Escritura*, tomo 4, p. 344; FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 331. Alguns atribuem a expressão a duplo significado, “homem de Deus” pode ser líder como o cristão em geral, cf. DORNIER, P. *Les Épîtres Pastorales*, p. 235; SPICQ, C. *Les Épîtres Pastorales*, tome II, p. 789; MARTIN, S. C. *Pauli Testamentum – 2 Timothy and Last words of Moses*, pp. 33-33.

<sup>478</sup> “The understanding of the scriptures (i. e. of the OT) which is transmitted by the tradition makes the leader of the congregation fit for the fight against the false teaching – O entendimento das Escrituras (AT) que é transmitida pela tradição faz o líder da congregação apto para luta contra os falsos mestres” (DIBELIUS, M. CONZELMANN, H. *The Pastoral Epistles*, p. 120).

das Sagradas Escrituras: preparar [ἐξηρτισμένος] homens de Deus para a boa ação [ἔργον ἀγαθόν], uma boa ação é educar na justiça [παιδείαν τὴν ἐν δικαιοσύνῃ], justiça para o homem de Deus é fidelidade à Aliança ao único Deus através da fé em Cristo Jesus.<sup>479</sup>

“... a Bíblia é obra divina, [e a] hermenêutica não é uma etapa para entendimento do texto sacro e que este não se ordena a enriquecer nosso saber, fútil religioso (uma gnose), mas para a formação dos homens de Deus, a ‘educação na justiça... para toda obra boa’ (2Tm 3,16-17)”.<sup>480</sup>

A missão do homem de Deus, Timóteo, é permanecer fiel à tradição de fé das Ἱερὰ Γράμματα em antagonismo as “inovações” gnósticas. Tal tarefa pode acarretar provações: “Como bom soldado do Cristo Jesus, assume a tua parte de sofrimento” (2Tm 2,3); e como Paulo teve a necessidade de ser “sustentado pela força de Deus” (2Tm 1,8); outrossim, o líder e sua grei precisam contar com a força inspiradora de Deus contida nas Sagradas Escrituras.

### 5.1.5. Ἱερὰ Γράμματα – Função Positiva

Quando as Sagradas Escrituras eram usadas no combate aos falsos mestres um ambiente antagônico era criado pela diatribe (2Tm 2,14.16-18.23; 3,10-13). Portanto, o ensinamento da tradição de fé das Escrituras exercia, muitas vezes, uma *função negativa*: negar o falso conhecimento, o gnosticismo. Não é adequado, porém, contemplar a fidelidade à tradição de fé das Escrituras apenas sob essa ótica da labuta, como um fardo a ser carregado; não no contexto bíblico e teológico da espiritualidade pascal – cruz e ressurreição – manifesta na perícopie [εἰς σωτηρίαν διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ] e da teologia paulina.<sup>481</sup> Seria uma contradição com a esperança judaico-cristã e da própria Escritura (Rm 15,4).<sup>482</sup> O objetivo da cruz é a ressurreição; o objetivo da luta contra o gnosticismo é o consolo, a paz e a justiça.<sup>483</sup> Dessas premissas resultam a *função*

<sup>479</sup> Cf. infra, a explicação da base do diagrama em 4.2.3., p. 78 ss.

<sup>480</sup> “... la Bible est oeuvre divine, que l’herméneutique n’est qu’une étape dans l’intelligence du texte sacré et que celui-ci n’est pas ordonné à enrichir notre savoir, fût-il religieux (une gnose), mais à former des hommes de Dieu, les ‘éduquer dans la justice... pour toute oeuvre bonne’ (II Tim. III, 16-17)” (SPICQ, C. *Les Épîtres Pastorales*, tome II, p. 790).

<sup>481</sup> cf. Rm 6,4; 10,9; 1Cor 1,17-18; 15,1-20.

<sup>482</sup> Cf. At 24,15; 26,6; 28,20; Rm 4,18; 5,2-5; 8,24; 12,12.

<sup>483</sup> Cf. Hb 12,11-15; Tg 3,13-18; Jo 8,32; 14,6.27; 16,33.

*positiva* das Sagradas Escrituras para a igreja de Éfeso e para os discípulos de Cristo, de qualquer tempo.

A fidelidade às Sagradas Escrituras pode se transformar em um estado positivo: *consolação* na vida da comunidade. Quando em 1Mc 12,9 se lê: “Quanto a nós, embora não precisemos de tais coisas, pois temos por consolo [παράκλησιν] os livros santos que estão em nossas mãos”, ele está se referindo ao fato de não precisar do conforto diplomático com Roma e Esparta (12,1-8), apesar de bem vindo. A questão trata de não depender da política e da aliança com as potestades internacionais para se obter consolo e esperança, pois isto se obtém, conforme diz o texto, dos “livros santos” [βιβλία τὰ ἅγια]. Esta posição de Jônatas pode soar como auto-suficiência ou sugerir fidelidade, é questão interpretativa. Porém, o sugestivo ao conteúdo do tópico é a expressão “estão em nossas mãos”, referindo-se as Escrituras, que na mentalidade metafórica hebraica é muito rica: as Escrituras seguras nas mãos sugere um compromisso de fidelidade a Lei da Aliança [βιβλία τὰ ἅγια] e receptividade para receber o poder Deus que consola.<sup>484</sup> Paulo, pelo menos no que se refere às Escrituras, segue um caminho parecido em Rm 15,4: “pela consolação [παρακλήσεως] das Escrituras tenhamos esperança”, acrescentando, além do consolo, a esperança. Não são os escritos, as letras, que produzem tal efeito *per se*, não são palavras hipnóticas e mágicas, isto seria uma contradição à fé. Assim, a causa eficiente da consolação proporcionada pelas Escrituras é o seu centro bíblico e semântico Θεός [Deus]; a causa instrumental é toda a Escritura [πᾶσα γραφή θεόπνευστος]; a causa material é a igreja que recebe a causa final παράκλησιν [encorajamento, conforto, consolação] (Rm 15,4; At 13,15; 15,31; 1Tm 4,13).

A consolação proporcionada pela fidelidade à tradição de fé das Escrituras não pode ser restringida a um estado psico-afetivo por parte de seus membros. Não, não se restringe a isto, pois o bem da Comunidade não pode submeter-se aos

---

<sup>484</sup> O substantivo hebraico יָד [yād] – “mão”, tem como sentido preliminar o membro no fim do braço; simbolicamente pode expressar “poder / força” (Dt 32,36), meio para transmitir o poder de Deus (Ex 10,12.21-22); a mão é usada para fazer juramento de fidelidade (Ex 6,8), a Lei é amarrada na mão (Dt 6,8), conseqüentemente afrouxar ou retirar a mão denota abandono – Js 10,6 (Cf. HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, pp. 844-846). Em grego, como está em 1Mc χερσίν – χεῖρ, “mãos” segue a linha metafórica do hebraico, sinalizando *cheir* como “símbolo da onipotência divina” (2Cr 20,6); no grego secular a conotação entre “mão” [*cheires*] e “poder” [*dynameis*] são empregados como

caprichos do humor. A consolação, para ser coerente com o que foi deduzido até aqui, é um encorajamento teológico: saber que está no caminho da verdade. O conforto e a força de Timóteo é saber-se fiel à verdade salvífica contida nas Escrituras [μένε ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης].<sup>485</sup> pois “as Sagradas Escrituras conheces, as que têm poder de te dar sabedoria para salvação através da fé em Cristo Jesus” (3,14-15). O consolo proporcionado pelas Escrituras é a garantia que, uma vez permanecendo nelas através da fé em Cristo, se permanece na videira de Deus (Jo 15,1-17), se permanece no caminho do projeto de Deus, Jesus Cristo: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (Jo 14,6). Portanto, a paz na consciência eclesial, seu consolo, força e esperança, não é um efeito da ausência de problemas ou da presença de bens materiais, poder religioso ou *status quo* (Lc 6,24; 10,20), mas da permanência fiel ao núcleo das Escrituras: o Deus de toda consolação [θεὸς πάσης παρακλήσεως] (2Cor 1,3).<sup>486</sup>

Evidente que Timóteo e os cristãos de Éfeso não elaboraram didaticamente as *funções, dimensões e critérios* das Sagradas Escrituras. Ao tomarem notícia da locução τὰ ἱερὰ γράμματα οἶδας associada à fé em Jesus Cristo e a inspiração divina [διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ, πᾶσα γραφὴ θεόπνευστος], o que houve, para muitos, não foi uma sistematização fria da Carta, mas uma reação positiva, porque o texto confirmava a perseverança na fé de muitos: porquanto,

---

sinônimos (COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, p. 1257).

<sup>485</sup> “Os livros da Escritura ensinam com certeza, fielmente e sem erro a verdade que Deus em vista da nossa salvação quis fosse consignada nas Sagradas Escrituras” CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 11.

<sup>486</sup> As Escrituras possuem *em ato*, pois já foram escritas, a força sagrada [ἱερὰ] de quem as inspirou: o Espírito Santo, teológica e corretamente identificado a quem Jesus denominou παράκλητος [Consolador] (Jo 14,26; 15,26). Se as Sagradas Escrituras foram inspiradas pelo Consolador são capazes [δυνάμενά] de consolar. Objetivamente, no entanto, não é evidente que o simples contato com as Escrituras – leitura, meditação, investigação – cause, como “combustão espontânea”, o efeito desejado da consolação. Assim, nos parece que, apesar da força sagrada estar em ato, a consolação proveniente desta força – e só ela pode ser a fonte – está *em potência*. Então, ocorre uma pergunta inevitável para que a consolação aludida às Escrituras não seja simples elucubração de textos: o que faz eclodir a consolação? O que faz a consolação de Deus nas Escrituras passar do estado de potência a ato e encorajar a Igreja em sua missão? Dentro do contexto da nossa análise, até agora, a resposta só pode ser esta: a Igreja só pode *atualizar o consolo* proporcionado pela força sagrada das Escrituras se ela mesma estiver *em ato de fidelidade* às Escrituras [μένε ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης]; se assim não fosse seria uma contradição com o ensinamento das Escrituras: Deus dá o Consolador aos que lhe obedecem apesar de continuar fiel em seu chamado de fidelidade (At 5,32; 2Tm 2,11-13).

confiavam os primeiros cristãos que Jesus “ainda estava *com e em e entre* seu povo quando eles expunham as Escrituras em seu nome”.<sup>487</sup> O testemunho dos discípulos de Emaús resume perfeitamente o efeito simbólico das Escrituras (meio) quando aplicadas a Jesus (meta) nas comunidades primitivas: “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?” (Lc 24,32).

As Escrituras e seu significado simbólico, não são alheios à igreja atual, ou pelo menos não deveria, pois desde sua gênese ela, a ἐκκλησία, mantém com τὰ Ἱερὰ Γράμματα uma relação simbiótica e sinérgica. É o que trata o próximo ítem.

## 5.2. ἹΕΡὰ ΓΡÁΜΜΑΤΑ – EM RELAÇÃO À IGREJA

Tertuliano dizia: “A aspiração dos gnósticos nunca foi de converter os pagãos, mas de perverter os cristãos – *non ethnicos convertendi sed nostros evertendi*”.<sup>488</sup> É provável uma realidade similar ainda hoje, já que o gnosticismo não findou nos séculos II-V. Há versões gnósticas agindo neste século,<sup>489</sup> como tantos outros perigos que visam desestabilizar, direta ou indiretamente, os fundamentos da tradição de fé das Escrituras. Nesta circunstância, a perícopie de 2Tm 3,14-17, com seu conteúdo parenético, é útil [ὠφέλιμος] para os tempos atuais. A Igreja – comunidade cristã atual –<sup>490</sup> é exortada a permanecer fiel no que aprendeu e creu [μένει ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης] desde seu princípio [ἀπὸ βρέφους] mediante o conhecimento contínuo [οἰδᾶς] das Ἱερὰ Γράμματα. Então, a expressão e seus elementos exegéticos, sintáticos e semânticos, têm autoridade para iluminar a Igreja, que é o seu habitat natural. O objetivo principal deste capítulo é refletir como a

<sup>487</sup> MOULE, C. F. D. *As Origens do Novo Testamento*, p. 73.

<sup>488</sup> BRIGHENTI, A. *O Gnosticismo na Igreja Antiga e na Atualidade*, p. 642.

<sup>489</sup> “o gnosticismo nunca morreu. Ao contrário, durante a história, ele tem reaparecido, sob formas diversas, em muitos contextos, inclusive nos tempos atuais. Só para citar algumas de suas manifestações vivas na atualidade, está o xiismo e o sufismo no Islamismo, os teósofos, inspirados no cristianismo e a maior parte das expressões da Nova Era (*New Age*). Também merecem menção: a Igreja Gnóstica, fundada pelo alemão Arnold Krumm-Heller; a Sociedade Teosófica, fundada por Helena Blavastky, no final do século passado e suas derivações ou organizações afins (Antroposofia, a Grande Fraternidade Universal, as Ordens dos Rosacruzes, a Igreja Universal e Triunfante); e o Movimento Gnóstico Cristão Universal” (BRIGHENTI, A. *O Gnosticismo na Igreja Antiga e na Atualidade*, p. 641).

<sup>490</sup> “Na linguagem cristã, a palavra ‘Igreja’ designa a assembléia litúrgica, mas também a comunidade local ou toda comunidade universal dos crentes. Esses três significados são inseparáveis” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 752).

luz refletida pelas Ἱερὰ Γράμματα (espelho) pode elucidar e cooperar com a manutenção da identidade e fidelidade da Igreja em tempos de penumbra (1Tm 4,1; 2Tm 3,1): “permanece no que aprendeste e creste: as Sagradas Escrituras, através da fé em Cristo Jesus” [μένει ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης· τὰ Ἱερὰ Γράμματα, διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ].

“Discernindo o Cânon das Escrituras, a Igreja discernia e definia sua própria identidade, de maneira que as Escrituras são doravante um espelho no qual a Igreja pode constantemente redescobrir sua identidade e verificar, século após século, a maneira com a qual ela responde sem cessar ao Evangelho e se dispõe ela mesma a ser o meio de transmissão dele (cf. *Dei Verbum*, 7)”.<sup>491</sup>

### 5.2.1. Ἱερὰ Γράμματα – Finalidade Precípua: a Igreja

Como a expressão Ἱερὰ Γράμματα [Sagradas Escrituras] é única no Novo Testamento, também a Sagrada Escritura é, comparativamente, um ἄπαξ [única] para a Igreja, pois não há outra escritura com autoridade semelhante “como sendo o Texto e o Livro por excelência” para os cristãos.<sup>492</sup> Ἱερὰ Γράμματα é o nome de “batismo” das Escrituras adotadas pelos primeiros cristãos, seu nome próprio;<sup>493</sup> todos os outros também são, mas são “impropriamente”. O nome manifesta a lembrança de algo ou alguém. Ao dizer “Sagradas Escrituras” recorda-se a Igreja, e ao dizer “Igreja” é associada a ela as Sagradas Escrituras. Por certo, é perceptível determinado conhecimento sobre a “relação estreita e o laço que unem indissoluvelmente a Sagrada Escritura à Igreja (...) as relações profundas que existem entre Sagrada Escritura e a Igreja”.<sup>494</sup> A relevância desta relação pode ser medida com a seguinte analogia: “A pessoa de Jesus permanece obscura, irreal e inexplicável sem este fundamento em Deus (...) sua comunhão com o Pai, a qual é o centro autêntico da sua personalidade, sem a qual nada se pode compreender”,<sup>495</sup> de

<sup>491</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 115. “A Sagrada Escritura é a gramática da fé; é ela que nos permite dizer, como Igreja, a Palavra de Deus. A Igreja deve olhar no espelho de suas origens: no movimento de Jesus Cristo antes e depois de sua ressurreição e no modelo de Igreja que os apóstolos nos deixaram, para saber se é, ou não, a Igreja que Jesus queria” (FEDERAÇÃO BÍBLICA CATÓLICA. *A Palavra de Deus: Fonte de Vida e Esperança para o Novo Milênio*, pp. 20-21).

<sup>492</sup> SÍNODO DOS BISPOS. *A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja – Lineamenta*, 15.

<sup>493</sup> “É qualificada sobretudo com dois nomes: Escritura (sagrada) e Bíblia, títulos por si já significativos” (SÍNODO DOS BISPOS. *A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja – Lineamenta*, n. 15).

<sup>494</sup> Paulo VI, ver TEXTOS OFICIAIS DA IGREJA. *Como Ler e Entender a Bíblia Hoje*, p. 13.

<sup>495</sup> RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*, p. 11.

modo análogo, a Igreja, sem o fundamento da Escritura inspirada por Deus, seria obscura, pois a mesma funciona como centro referencial da sua identidade e tradição. O contrário também é verdadeiro: “A relação com o sujeito ‘povo de Deus’ é vital para a Escritura. Por um lado, esse livro – a Escritura – é a medida que tem em Deus a sua origem e a força que dirige o povo, mas, por outro, a Escritura vive só e precisamente neste povo”,<sup>496</sup> pois é a Igreja – povo de Deus – que a propaga.

Do conjunto de elementos que causam esta relação Igreja-Escritura destaca-se a *finalidade*. A finalidade é aquilo porque uma coisa foi feita, sua razão de ser. Por que as Ἱερὰ Γράμματα foram feitas?, qual a sua finalidade?, qual a razão da sua existência? A Igreja é a razão. A Escritura existe para dar sentido à existência da Igreja: “Ora tudo o que se escreveu [προεγράφη] no passado é para o nosso ensinamento que foi escrito [ἐγράφη], a fim de que [ἵνα], pela perseverança e pela consolação que nos proporcionam as Escrituras [γραφεῶν], tenhamos a esperança” (Rm 15,4); “foram escritas [ἐγράφη] para [πρὸς] nossa instrução” (1Cor 10,11).<sup>497</sup> A conjunção ἵνα [a fim de que]<sup>498</sup> indicando finalidade, e a preposição πρὸς [para] indicando o objetivo e o objeto, estão presentes também na perícopa das Ἱερὰ Γράμματα: a Escritura é “útil” [ὠφέλιμος], “para” [εἰς /πρὸς], “a fim de que” [ἵνα] (vv. 15.16.17); em todos os casos transmitem o propósito das Sagradas Escrituras e este propósito chama-se Igreja, estão ordenadas ao serviço da Igreja,<sup>499</sup> foram

<sup>496</sup> RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*, p. 17. “A docilidade ao Espírito Santo produz e reforça outra disposição, necessária para a justa orientação da exegese: fidelidade à Igreja” (João Paulo II in PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 17). O uso exegetico e orante das Sagradas Escrituras exigem “a conformação profunda do espírito e do coração com a Igreja, o ‘sentire cum Ecclesia’” (CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ, *Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo*, 35).

<sup>497</sup> “Sim, eles [os cristãos] de fato partem da pressuposição de que tudo o que ocorreu a Israel da parte de Javê estava orientado para Jesus Cristo e de que os textos da antiga tradição só estavam obtendo a sua atualidade última e suprema para aquele que crê no Cristo: ‘Foi escrito para nós’ (1Co 10.11); os profetas do Antigo Testamento ‘estão a vosso serviço’ (1Pe 1.12); ‘essas coisas foram escritas para nossa instrução’ (Rm 15.4; 1Co 9.10)” (VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*, v. 1 e 2, pp. 755-756).

<sup>498</sup> “Conjunction used to introduce clauses that show a purpose or goal *that, in order that, so that* – conjunção usada para introduzir clausulas que demonstram um propósito ou objetivo *para que, em ordem de, tanto que*” (Friberg, B.; Friberg, T.; Miller, N. F. *Analytical Lexicon of the Greek New Testament*, cf. BibleWorks7).

<sup>499</sup> “Toda Escritura é para igreja (...) A Escritura foi escrita também para os crentes provenientes do dos gentios: nela estão contidas as promessas da misericórdia” (PESCE, M. *As Duas Faces da Pregação de Paulo*, p. 103). “como indicadoras da conclusão (na mente de Paulo) de que os escritos do Antigo Testamento foram escritos para comunidade cristã. Mas isto, naturalmente, não é a mesma coisa que alegar que pertencem *exclusivamente* aos cristãos” (MOULE, C. F. D. *As Origens do Novo Testamento*, p. 59, cf. nota 20). Na carta de Barnabé (134-135) se diz λέγει γὰρ ἡ γραφή περὶ ἡμῶν [De fato, a Escritura fala a nosso respeito] assumindo para os cristãos as palavras das Escrituras (*Epístola de Barnabé*, 6,12).

criadas para salvação [εἰς] (v. 15) e para edificar a Comunidade Cristã [πρὸς / ἵνα] (vv. 16-17). Esta foi a intenção de Deus que as inspirou, a fim de que a Igreja seja fiel a sua identidade [μένε ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης] e esteja bem preparada para sua missão [πρὸς πᾶν ἔργον ἀγαθὸν ἐξηρισμένος].

Se a Escritura diz que “em nenhum outro há salvação [σωτηρία], pois não existe debaixo do céu outro nome [Jesus] dado à humanidade pelo qual devemos ser salvos [σωθῆναι]” (At 4,12); de modo análogo, não existe debaixo do céu outra escritura sagrada dada à Igreja pela qual se tem “sabedoria para salvação através da fé em Cristo Jesus”, fora àquela conhecida: τὰ ἱερὰ γράμματα οἶδας. São por elas, as Escrituras, que a Igreja se conhece, se orienta e pauta suas ações. Esta é a missão das Sagradas Escrituras, zelar pela identidade e missão da Igreja.

### 5.2.2. Ἱερὰ Γράμματα – Coopera com a Identidade da Igreja

Em linha narrativa, o “leitor real” da Segunda Carta, convocado à fidelidade, é o destinatário Timóteo (3,14); o “leitor implícito”, porém, “nunca é um sujeito isolado”, mas é toda comunidade: aquela que é capaz de responder aos desafios propostos no texto pelo autor,<sup>500</sup> ou seja, superar a tendência anti-escritura da gnose desfigurando a fé da igreja e, por extensão, o rosto de Cristo para o mundo. Logo, a exortação imperativa a Timóteo [Σὺ δὲ μένε] é também da igreja de Éfeso e, por *traditio*, de toda Igreja.

Nas Pastorais o termo “Igreja” [ἐκκλησία] aparece três vezes (1Tm 3,5.15; 5,16), designando a comunidade cristã. O vocábulo *ekklēsia* vem da LXX, com 100 ocorrências, sendo comumente usado para substituir o substantivo hebraico לְקָהָל [*qāhal*, “assembléia” – a comunidade do povo de Deus], como se apresenta em לְקָהָל יְהוָה – ἐκκλησίαν κυρίου (Dt 23,2).<sup>501</sup> Esta denominação de Igreja [ἐκκλησία] em Paulo “conceitualiza a identidade corporativa daqueles que se con-

<sup>500</sup> Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 51, 65.

<sup>501</sup> Cf. SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G., *Forma e Exigências do Novo Testamento*, p. 30; COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, p. 985.

verteram na missão aos gentios”,<sup>502</sup> daquelas comunidades que fizeram das *Hiéra Grammata* suas Escrituras. Isto para dizer que a própria identificação nominal da Igreja vem das Ἱερὰ Γράμματα, fornecendo “à comunidade primitiva os conceitos para sua autodefinição”.<sup>503</sup> Com esta contribuição das Escrituras, a identidade e finalidade mais profundas e inteligíveis da Igreja encontram-se sobre a forma de *grammata* [gravação humana, escrituras] e sob a forma de *hiéra* [força sagrada] pela inspiração de Deus [*theopneustos*]. Um instrumento de compreensão analógica é o argumento agostiniano sobre a dupla natureza do Filho, diz ele: “revestido da *forma de servo*, não ficou privado da *forma de Deus* (...) mediador de Deus e dos homens”,<sup>504</sup> de modo semelhante, a palavra de Deus revestida da *forma graphē* [escritura], não ficou privada da *forma theopneustos* [divina], o que torna as Sagradas Escrituras instrumento inteligível e privilegiado (mediadora) entre Deus e a Igreja, para ela se compreender e se adaptar à Palavra de Deus, viva e eficaz, tornando-se também viva e eficaz em sua missão: “dar sabedoria para salvação através da fé em Cristo Jesus”, que é a missão das Ἱερὰ Γράμματα (v. 15).

Desta maneira, o indicativo paulino a Timóteo τὰ ἱερὰ γράμματα οἶδας [as Sagradas Escrituras conheceis] torna-se um espelho para a Igreja, ou seja, para seu autoconhecimento é exigido o conhecimento das Escrituras. Em vista disto, talvez a fala de Jesus aos judeus ἐραυνᾶτε τὰς γραφάς [Perscrutai (examinai) as Escrituras] (Jo 5,39),<sup>505</sup> devesse ser tomada como um imperativo técnico para a Igreja, como deixa entrever o verbo “examinar” em hebraico [*dāraš*]:<sup>506</sup> pesquisar nas Escrituras sua própria natureza, identidade e finalidade. Tal exigência não consiste em si mesma uma novidade, levando em conta o uso frutífero que os Padres da Igreja faziam das Escrituras: “a contribuição da exegese patrística consiste nisto: ela tirou do conjunto das Escrituras as orientações de base que deram forma à tradição

<sup>502</sup> DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 607 (cf. 1Cor 1,1; 2Cor 1,1; Gl 1,2; 1Ts 1,1; 2Ts 1,1; Cl 4,16 “refere-se à “igreja em Laodicéia”, nota 16)

<sup>503</sup> SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G., *Forma e Exigências do Novo Testamento*, p. 37.

<sup>504</sup> AGOSTINHO, *De Trinitate*, I, 7, 14.

<sup>505</sup> Há uma discussão sobre em qual situação gramatical encontra-se o verbo ἐραυνᾶτε, se no imperativo ou indicativo, ambos no presente ativo. O BibleWorks7 analisa o verbo dos dois modos. Orígenes, Tertuliano, Irineu e a Vulgata conjugam o verbo no imperativo, mas os comentários modernos, baseados no estudo dos papiros, tendem para o indicativo (Cf. BROWN, R. E. *The Anchor Bible: The Gospel According to John* (I), p. 225; HAENCHEN, E. *John* (I), p. 264).

<sup>506</sup> “The verb ‘search’ represents the technical Hebrew verb *dāraš* used for Scripture study – O verbo ‘examinar’ representa o verbo técnico hebraico *dāraš* usado para estudo (pesquisa) da Escritura” (BROWN, R. E. *The Anchor Bible: The Gospel According to John* (I), p. 225). “O verbo gr.

doutrinal da Igreja”.<sup>507</sup> Urge, da parte da Igreja, para se conhecer [οἶδας] e permanecer [μένει] inspirada por Deus [θεόπνευστος], inclinar-se sobre “toda a Escritura” [πᾶσα γραφή] não apenas no sentido de suas partes, e sim pesquisando sobre o significado da sua totalidade e unidade – dimensões – para compreender “qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede a todo conhecimento, para que sejais plenificados com toda [πᾶν] a plenitude de Deus” (Ef 3,18-19). Ser “totalmente” Igreja equivale a examinar/experimentar as Sagradas Escrituras plenamente [πᾶσα γραφή], e essa busca das Escrituras favorece a Igreja ser toda plenificada/preparada para sua missão mais perfeita [ἄριστος/πρὸς πᾶν ἔργον ἀγαθὸν ἐξηρτισμένος], servir Jesus Cristo e seu projeto de salvação (v. 15).

No âmbito da tradição não há outro meio literário de conhecimento, disponibilizado por Deus, para a Igreja permanecer no caminho da fidelidade. Nesse sentido, as Sagradas Escrituras são bem mais que um objeto simbólico cultural, são uma necessidade, melhor, estando na origem da sua formação é princípio constitutivo e vital da sua identidade e missão. É a fonte da sua tradição. Os escritores eclesiais, cada um a seu modo, tinham em conta esta entranhada relação entre Escrituras e Igreja. Exemplos:

a) *Hilário de Poitiers*: “*Sacra Scriptura principalius est in corde Ecclesiae quam in materialibus instrumentis scripta* – a sagrada Escritura está principalmente no coração da Igreja do que escrita nos instrumentos materiais”.<sup>508</sup> Pelo adágio se verifica que τὰ ἱερὰ γράμματα, πᾶσα γραφή θεόπνευστος, é mais do que rolos, papiros e códices, é uma força moral impregnada na natureza e missão da Igreja. Se o Espírito Santo é a alma constituinte do Corpo Místico de Cristo – a Igreja –<sup>509</sup> a Sagrada Escritura, inspirada pelo mesmo Espírito,<sup>510</sup> é, neste Corpo, como sua inteligência e consciência [τὰ δυνάμενά σε σοφίσει], pois o que foi escrito foi

---

*eraunad*, investigar, indagar, refere-se aqui ao estudo minucioso, próprio dos rabinos” (MATEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de João*, p. 270).

<sup>507</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 116. Cf. infra 3.5.4., p. 58.

<sup>508</sup> Santo Hilário de Poitiers, *Liber ad Constantium imperatorem* 9, cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 113.

<sup>509</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*, 18; 48. Cf. Rm 12,4-5; 1Cor 12,27.

<sup>510</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 11.

escrito para instruir a Igreja (cf. Rm 15,4), e ainda: a palavra do Senhor é para enriquecer a Igreja com sua sabedoria e ensinamento (cf. Cl 3,16; Sl 119,98).

b) *Agostinho de Hipona*: “Eu não creria no Evangelho, se a isto não me levasse a autoridade da Igreja Católica”.<sup>511</sup> Quem iluminou o Bispo de Hipona a acreditar nas Escrituras foi a Igreja; então, pode se creditar, em paralelo, que é missão da Igreja conduzir a fé nas Sagradas Escrituras e as Escrituras, por sua vez, sustentam a fé da Igreja em Jesus Cristo: “as Sagradas Escrituras conheces, as que têm poder de te dar sabedoria para salvação através da fé em Cristo Jesus” (3,15). Aliás, este imperativo da Igreja é uma das razões da *Septuaginta*: “É preciso que o acesso à Sagrada Escritura seja amplamente aberto aos fiéis. Foi por isso que desde o início a Igreja acolheu como sua a antiqüíssima versão grega do Antigo Testamento, chamada dos Setenta”.<sup>512</sup>

c) *Jerônimo*: “ignorar as Escrituras é ignorar Cristo”.<sup>513</sup> Portanto, excluir ou minimizar as Escrituras inspiradas, como era a sugestão gnóstica, seria para a Igreja declarar sua ignorância em relação ao projeto de Deus e destituí-la de sua missão mais profunda: Jesus e sua salvação (v. 15), pois sua missão exponencial é conduzir as almas à salvação pela fé em Cristo – sua lei suprema.<sup>514</sup>

“Encontramos Jesus na Sagrada Escritura, lida na Igreja. A Sagrada Escritura, ‘Palavra de Deus escrita por inspiração do Espírito Santo’, é, com a Tradição, fonte de vida para a Igreja e alma de sua ação evangelizadora. Desconhecer a Escritura é desconhecer Jesus Cristo e renunciar a anunciá-lo”.<sup>515</sup>

Ignorar as Escrituras é ignorar Cristo, e ignorá-lo é ignorar a salvação; ignorar a salvação é ignorar o projeto de Deus, e ignorar este projeto é ignorar as Escrituras que o trazem latente.<sup>516</sup> É o que Jesus explica aos discípulos de Emaús: “E, começando por Moisés e por todos os profetas, interpretava-lhes todas as Es-

<sup>511</sup> *Contra epistolam Manichaei quam vocant fundamenti*, 5,6 em CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 119.

<sup>512</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 22.

<sup>513</sup> São Jerônimo, in CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 25.

<sup>514</sup> CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, Cân. 1752.

<sup>515</sup> CELAM. *Documento de Aparecida*, n. 247.

<sup>516</sup> “Novum in Vetere latet et in Novo Vetus – O Novo Testamento está escondido no Antigo, ao passo que o Antigo é desvendado no Novo” (Sto. Agostinho in CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 129).

crituras, o que a ele dizia respeito” (Lc 24,27).<sup>517</sup> Sem as Escrituras os discípulos seriam insensatos de rostos sombrios sob a penumbra da fé (cf. Lc 24,17.25), com eles os apóstolos (cf. Lc 24,44-45), e finalmente toda missão da Igreja estaria comprometida (cf. Lc 24,46-48).

Portanto, a Escritura não é uma opção de conhecimento e ação entre tantos outros existentes. As Escrituras são o *imperativo categórico* de discernimento e ação na Igreja.<sup>518</sup> primariamente porque são inspiradas por Deus (2Tm 3,16; 2Pd 1,20-21); depois por serem testemunhas autorizadas e qualificadas da fé no único Deus e do único Senhor (Dt 6,4; 1Cor 8,6; Lc 24,27.44-46; Jo 5,39); e por fim por causa da relação estrutural entre a expressão Ἱερὰ Γράμματα e a locução μένε ἐν (cf. acima 4.1.1). Como o imperativo μένε ἐν [permanece em] configura a perícope dando-lhe seu caráter parenético, assim as Ἱερὰ Γράμματα configura a Igreja dando-lhe seu caráter sagrado e missionário; divino e pastoral. A locução verbal, aqui, carrega muito mais que um significado modal do verbo para Igreja. Primeiro e basicamente, abarca o *sentido etimológico* do termo *imperātīvus* [*impērō* = *in+paro*]: as Escrituras é quem “comanda” a Igreja e a Igreja se “determina” pelas Escrituras, “esforçando-se para produzir”<sup>519</sup> dentro do raio de ação de toda Escritura inspirada [πᾶσα γραφή θεόπνευστος]: conhecimento, sabedoria, salvação, fé cristã, ensino, persuasão, correção, educação na justiça e capacidade de ação (vv. 15-17). Depois é um *imperativo formal*: τὰ Ἱερὰ Γράμματα não são tanto o objeto material – uma Bíblia sobre o ambão da igreja –, mas sua forma [*morphé*] = um princípio determinante constitutivo e intrínseco à Igreja.<sup>520</sup> princípio de sua identidade, como se destacou em Hilário (cf. acima). A Igreja sem as Escrituras, sem sua força e funcionalidade sagradas, seria de-formada e não serviria, obviamente, ao propósito divino da Escritura: “a fim de que seja bem preparado o homem de

<sup>517</sup> “The sense of Christ’s words to the two disciples is that from one end of the Hebrew Scriptures to the other they bear testimony about him and his fate, for Christ is the goal and the centre of all the Scriptures – O sentido das palavras de Cristo aos dois discípulos é dessa única finalidade das Escrituras Hebraicas por elas guardarem testemunho sobre ele e sua morte, pois Cristo é a meta e o centro de todas as Escrituras” (FITZMYER, J. A. *The Anchor Bible: The Gospel According to Luke* (II), p. 1567).

<sup>518</sup> Não causaria dano algum, na nossa opinião, entender as Escrituras como se fossem um tipo *imperativo categórico* kantiano na Igreja: imperativo moral, incondicionado e universal; que por ser inspirada por Deus pode determinar sua ação e reflexão.

<sup>519</sup> Para as diversas possibilidades do “imperativo” cf. PORTO EDITORA, *Dicionário Latim-Português*, pp. 335, 336, 484; HOUAISS, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*, “imperativo”, etimologia, p. 1579.

<sup>520</sup> Cf. TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, vocabulário, p. 83.

Deus, para toda ação boa preparado” [ἵνα ἄρτιος ᾦ ὁ τοῦ θεοῦ ἄνθρωπος τοῦ θεοῦ ἄνθρωπος, πρὸς πᾶν ἔργον ἀγαθὸν ἐξηρητισμένος] (v.17). A “boa ação” sugere inúmeras interpretações, no entanto uma delas faz parte da formalidade da Igreja, o mandato missionário de Jesus (Mc 16,15): “pregai o evangelho” [κηρύξατε τὸ εὐαγγέλιον]. Este mandato identifica-se com o *imperativo missionário* das Escrituras no sentido de que apenas elas, segundo a perícopie, “têm poder de te dar sabedoria para salvação através da fé em Cristo Jesus” (v. 15 b); então, permanecer nas Escrituras [μένει] significa usá-las [ὠφέλιμος] para difundir a missão de Jesus, como configuram outros três imperativos (2Tm 4,2.5): “prega a palavra” [κήρυξον τὸν λόγον], “faze o trabalho de evangelista” [ἔργον ποιήσον εὐαγγελιστοῦ] e “cumpre plenamente o teu ministério” [διακονίαν σου πληροφόρησον]; tudo bem coerente com o imperativo missionário de Paulo: “Anunciar o evangelho não é título de glória para mim; é, antes, uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho!” (1Cor 9,16). Os imperativos das Ἱερὰ Γράμματα para Igreja talvez possam ser resumidos nessa orientação: “É necessário, portanto, que toda pregação eclesial, como a própria religião cristã, seja alimentada e regida pela Sagrada Escritura”.<sup>521</sup>

É mediante as Escrituras inspiradas por Deus que o povo de Deus argüi o sentido teológico da sua existência neste mundo. Em sua dinâmica viagem pelos caminhos da história e das culturas, característica da sua missão (Mc 16,15), as Sagradas Escrituras funcionam como um “viático”, alimentam e sustentam sua identidade teológica [θεόπνευστος], portanto sagrada [Ἱερὰ], e de igual modo configura sua missão.

### 5.2.3. Ἱερὰ Γράμματα – Contém Sentido Teológico para a Igreja

Quando se fala do sentido teológico *para* a Igreja, não se quer dizer com isso os sentidos abstratos e especulativos da teologia sistemática, por mais digno que sejam. O sentido teológico expresso aqui é aquele significado retirado da análise da expressão Ἱερὰ Γράμματα e dos elementos do seu texto (2Tm 3,14-17): pressupostos de um princípio sagrado [*Hiéra*] e de uma pedagogia divina [*Theop-*

<sup>521</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 21.

*neustos*] para alimentar e orientar a identidade, a missão e a reflexão da Igreja, que apenas as Sagradas Escrituras contêm.

a) *Argumentos exegéticos ao sentido teológico das Ἱερὰ Γράμματα*. A *virtus* sagrada das Escrituras é relativa à força que a criou – *Theós*: “O adjetivo verbal *théopneustos* ‘soprado, inspirado por Deus’ é uma precisão da característica sagrada (*hiéra*) das Letras do v. 15, e a razão de sua ‘virtude’”.<sup>522</sup> Como foi tentado demonstrar na sincronia do diagrama estrutural, o substantivo *Theós*, ou melhor, a inspiração de Deus não age só no termo θεόπνευστος, mas intervém em toda semântica da perícope.<sup>523</sup> Usufruindo os conceitos da análise narrativa, pelo menos de modo análogo,<sup>524</sup> para explicar esta ação de Θεός na estrutura da perícope depara-se com as distinções entre autores: o “autor real” do texto e do tema “Escrituras”, pela crítica literária, é Paulo; o “autor implícito” – aquele gerado progressivamente no curso da leitura do diagrama –<sup>525</sup> é Θεός, enquanto agente eficaz de sentido na estrutura: é o sujeito atuante;<sup>526</sup> e por isso é autêntica na Liturgia a aclamação ao final das leituras bíblicas: “Palavra do Senhor”, ao invés da palavra do hagiógrafo. Costurando a estrutura com sua intensa carga semântica, Θεός altera o sentido puramente literário do texto categorizando-o a um nível teológico: *théopneustos*.<sup>527</sup> Se o diagrama tem caráter teológico é devido ao autor ou

<sup>522</sup> “L’adjectif verbal *théopneustos* (*hap. b.*) ‘soufflé, insufflé par Dieu’ est une précision du caractère sacré (*hiéra*) des Lettres du v. 15, et la raison de leur ‘vertu’” (SPICQ, C. *Les Épitres Pastorales*, tome II, p. 788).

<sup>523</sup> Cf. *infra* 4.2.2., pp. 72-73.

<sup>524</sup> Usamos alguns elementos da análise narrativa de modo analógico por duas razões: primeiro porque o texto é flagrantemente discursivo e não narrativo como, por exemplo, um relato de milagre dos evangelhos; segundo porque o “preciosismo terminológico”, como diz Simian-Yofre, e a quantidade de esquemas funcionais e semióticos exageraria a linguagem tornando-a excessivamente hermética. Conseqüentemente não descartamos está forma de análise, porém a utilizamos com parcimônia. O mesmo se aplica, guardada as devidas proporções, à pesquisa sincrônica logo adiante (cf. SIMIAN-YOFRE, H. (Coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 121).

<sup>525</sup> Cf. Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 51, FABRIS, R. *Interpretare e Vivere oggi la Bibbia*, p. 22.

<sup>526</sup> “As narrativas expõem transformações de situações: uma condição se modifica pela intervenção de determinadas forças [θεόπνευστος]. Descrevem acontecimentos/ações que se sucedem numa determinada ordem e que estão relacionados entre si, como também agentes que, com a sua ação, causam modificações” (EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 116).

<sup>527</sup> “Nella riflessione teologica si rilevano le conseguenze che comporta il carattere narrativo e di testimonianza della sacra Scrittura per la trasmissione della fede e la prassi pastorale – Na reflexão teológica se leva em conta às conseqüências do caráter narrativo e de testemunho da sagrada Escritura pela transmissão da fé e da praxe pastoral” (FABRIS, R. *Interpretare e Vivere oggi la Bibbia*, p. 23). Outra tradução: “A este gênero de estudo, tipicamente literário, associou-se a reflexão teológica, que levando em consideração as conseqüências que a natureza de relato e de testemunho da

agente implícito. Neste ínterim, a atuação de Deus nas Escrituras [*theopneustos*] e através das Escrituras [*ōphelimos prós*] funciona como “ponto nodal” dentro do contexto, pois convida “a opções decisivas”: se a Escritura não é inspirada por Deus, então não é nem sagrada, nem útil, portanto o argumento gnóstico de relativizá-la tem certa razão de ser; se, ao contrário, a Escritura é divinamente inspirada, logo é útil para a fé cristã e é de bom senso (sábio) permanecer nela e não nas teorias do gnosticismo, que podem ser desastradas e portanto descartadas. O leitor, real ou implícito, tem que escolher uma das “alternativas”; eis, portanto, a radicalidade da exortação: “Tu, porém permanece no que aprendeste e creste” (v. 14 a).<sup>528</sup> O lexema Θεός – força de ἱερα (15 a), princípio de θεόπνευστος (16 a), identidade de θεοῦ (17 a) – como agente implícito que conforma o diagrama dando-lhe, além de lógica estrutural, uma lógica teológica, é, na estrutura semântica do diagrama, o sentido primeiro e último das Sagradas Escrituras. Sentido primeiro, porque a Escritura tem nele sua origem (v. 16 a) e a mesma Escritura está nas origens do “autor real” – “que desde criança as Sagradas Escrituras conheces” (v. 15 a); sentido último, porque na perícopie sua inspiração é útil para formar, desde criança, o homem de Deus e para Deus (vv. 16 b-17 a).

b) *O significado do sentido teológico das Ἱερὰ Γράμματα para a Igreja.* Ora, a Sagrada Escrituras suscitada por Deus no seio da Igreja, está sempre lhe exortando a dar um sentido teológico – sagrado –<sup>529</sup> à sua identidade e missão. Como o substantivo Θεός carrega a perícopie de sentido teológico,<sup>530</sup> e θεόπνευστος concede às Escrituras o caráter de ἱερα – porque são inspiradas por Deus –, assim a Igreja, mesmo tendo uma estrutura sociológica e institucional,<sup>531</sup> nunca deve descuidar da sua “carga semântica”: ela se identifica com Deus [*Theós*] “através da fé em Cristo Jesus”, produzindo uma missão além dos limites terrenos. O signifi-

---

Santa Escritura representa a adesão da fé, deduz disso uma hermenêutica de tipo prático e pastoral” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 52).

<sup>528</sup> “Este gênero de análise é particularmente útil nos textos que se referem a opções decisivas, enquanto evidencia a importância das alternativas e indica as conseqüências de uma decisão. Já que a relação ‘ação-conseqüência’ faz parte das estruturas fundamentais dos relatos e dos ensinamentos bíblicos” (EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, pp.119-120).

<sup>529</sup> Por “sentido teológico” queremos expressar também “Deus em ação e os homens sob a direção de Deus” (SCHREINER, J. (Ed.). *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*, p. 25).

<sup>530</sup> Cf. infra, análise do núcleo do diagrama em 4.2.2., p. 69.

<sup>531</sup> A Igreja é uma “sociedade provida de órgãos hierárquicos” (CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*, 8).

cado da Igreja é teológico, como o das Sagradas Escrituras. As Escrituras seriam uma neurose sem Deus, uma ideologia arcaica e acéfala. Isto é verdade também para a Igreja. Negligenciar sua identidade e missão sagradas equivaleria a voltar a Gn 1,2: sem o אֱלֹהִים רָאָה [sopro de Deus] a Igreja seria como “a terra deserta e vazia, e havia trevas”; a Igreja não seria inspirada por Deus [θεόπνευστος] como as Escrituras, logo, não seria, ou pior, seria “sem forma e vazia”.

Este sentido das Escrituras – sagrado e teológico – é para a Igreja seu princípio e fim, mesmo não sendo seu único meio; e mesmo estes meios – os instrumentos materiais e intelectuais deste mundo ao seu alcance – convêm que sejam usados como se não tivessem, como se não possuíssem, como se não usassem, sem se vender (cf. 1Cor 7,29-31), naquele espírito da mulher de Betânia, usar dos bens deste mundo para servir Jesus Cristo (Mc 14,3-9).

c) *O significado teológico das Ἱερὰ Γράμματα para teologia.* A Igreja estabelece uma conexão teológica entre Escrituras e Encarnação: como a linguagem divina acomodou-se à linguagem humana pelas Escrituras, assim o *Logos* do Pai assumiu a carne humana.<sup>532</sup>

“É verdade que o fato de as palavras de Deus terem sido postas por escrito, graças ao carisma da inspiração relativa à Sagrada Escritura, foi um primeiro passo para Encarnação do Verbo de Deus. Estas palavras escritas constituíram, de fato, um meio estável de comunicação e de comunhão entre o povo eleito e seu único Senhor”.<sup>533</sup>

Deus, em sua transcendência, não pode ser analisado *in loco*; por isso é mais fácil defini-lo pelo que não é do que por sua essência, no entanto, é possível aprender dele ou sobre ele pelos “efeitos que ele produz na ordem da natureza ou da graça”; concretamente, pelo efeito de toda Escritura inspirada, pois ela “se encontra em maior conformidade com o conhecimento que alcançamos de Deus nesta vida”.<sup>534</sup> Assim, τὰ Ἱερὰ Γράμματα podem ser investigadas pela teologia bibli-

<sup>532</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 13.

<sup>533</sup> Discurso sobre a interpretação da Bíblia na Igreja, em PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 12.

<sup>534</sup> Cf. TOMÁS DE AQUINO, S. Th. I, q. 1, a. 7, ad 1; a. 9, ad 3. Em resposta, entre outras coisas, se a Sagrada Escritura deve utilizar metáforas; SCHÖKEL, L. A. *A Palavra Inspirada: A Bíblia à Luz da Ciência da Linguagem*, p. 35, também apela a Sto. Tomás, porém usando *Com. Ad Heb.*, cap. 1, lect. 4.

ca – exegese – e outras disciplinas, como o “realismo da Encarnação” pela teologia sistemática.<sup>535</sup>

Com efeito, investigar as ondulações literárias das Escrituras, aquelas de fundo humano e histórico – virtuosas ou deficientes –, identificadas em uma série de análises críticas,<sup>536</sup> é ter seriedade e serenidade diante da Encarnação, pois o Senhor – יהוה – em sua misericórdia, quis expressar-se humanamente na história (cf. Hb 1,1-2): “A Igreja de Cristo leva a sério o realismo da Encarnação e é por este motivo que ela atribui uma grande importância ao estudo ‘histórico-crítico’ da Bíblia”.<sup>537</sup> Ademais, os supostos desatinos culturais e históricos, hermenêuticos e semânticos atribuídos aos textos das Escrituras são, potencialmente, o que faz delas humanas e não um escrito inacessível ao intelecto humano: “Uma das características da Bíblia é precisamente a ausência do espírito de sistema e a presença, ao contrário, de tensões dinamizantes”.<sup>538</sup>

Originalmente, a reflexão teológica era feita, de preferência, a partir das Escrituras;<sup>539</sup> um exemplo emblemático é a própria teologia do Apóstolo Paulo: “a linguagem teológica de Paulo era de modo geral a linguagem da Escritura”.<sup>540</sup> Es-

<sup>535</sup> Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 13.

<sup>536</sup> Aqui, no caso, particularizamos as virtudes e deficiências da Setenta que a prática da crítica textual denomina *mudanças inconscientes*, como os erros dos tradutores e copistas; e *mudanças conscientes*, acrescentando glosas, dando um sentido teológico... (cf. SIMIAN-YOFRE, H. (Coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*, pp. 65-69).

<sup>537</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 13. “es evidente que, cuando se trata de una cuestión histórica, como es el origen y conservación de una obra cualquiera, los testimonios históricos tienen más valor que todos los demás y deben ser buscados y examinados con el máximo interés – é evidente que, quando se trata de uma questão histórica, como é a origem e a conservação de uma obra qualquer, os testemunhos históricos têm mais valor que todos os demais e devem ser buscados e examinados com o máximo interesse” (LEÃO XIII. *Providentissimus Deus: Sobre los Estudios Bíblicos*, n. 40). Essa responsabilidade com as Sagradas Escrituras não vêm de hoje. A sedenta busca por explicações sobre os textos bíblicos, até para poder explicá-los, pode ser vasculhada nos primórdios do ambiente cristão, pelo menos no âmbito da *Septuaginta*. Um modelo dessa saudável tradição no seio da Igreja foi Orígenes com sua *Hexapla*: visava com seu mastodôntico trabalho de pesquisa, não um meio de desacreditar as Escrituras, mas um serviço à Igreja municiando-a de um instrumento para defender suas razões e esperanças – cf. 1Pd 3,15 (Cf. BÍBLIA. *Septuaginta*, p. LXIII). Orígenes: “Corresponde em substância à fundação da teologia na explicação das Escrituras. Fazer teologia era para ele essencialmente explicar, compreender a Escritura; ou poderíamos inclusive dizer que sua teologia é a perfeita simbiose entre teologia e exegese” (BENTO XVI. *Intervenção na audiência geral*, 25/04/2007).

<sup>538</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 110.

<sup>539</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 142; aqui pode se conferir exemplos da atualização das “Escritura pela Escritura”.

<sup>540</sup> DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, pp. 210-211. Sobre a hermenêutica que Paulo fazia das Escrituras ver GOPPELT, L. *Teologia do Novo Testamento*, pp. 304-306.

ta Escritura em suas cartas, vale sublinhar, era a Setenta, as Ἱερὰ Γράμματα.<sup>541</sup> A teologia dos Padres da Igreja também foi nutrida pela LXX:<sup>542</sup> “Uma vez que parto das Escrituras e dos fatos para fazer minhas demonstrações e exortações” (Justino).<sup>543</sup> A partir desta tradição corrente, o alicerce teológico da Igreja e seus conceitos, foram sendo sedimentados por uma terminologia da versão grega.<sup>544</sup> Concepções teológicas como a encarnação pelo Espírito no seio da Virgem; a união hipostática na pessoa do Filho, e daí sua divindade e humanidade; entre outras. Estas conquistas teológicas só foram possíveis devido ao horizonte terminológico infundido e difundido pelas Ἱερὰ Γράμματα (*Septuaginta*).<sup>545</sup> Com isso não se quer afirmar que a teologia bíblica ou sistemática deve realizar suas argumentações a partir da versão grega do Antigo Testamento. Evidente que não. Com isso quer se afirmar que a *função dinâmica* e a *função reguladora* das Ἱερὰ Γράμματα<sup>546</sup> pode e deve permear a relação entre Teologia e Sagrada Escritura; pode e deve dar uma resposta aos tempos modernos como a LXX fez, em sua época, sem perder sua identidade (estabilidade), sua tradição de fé.<sup>547</sup> A formação teológica do povo de Deus, como um imperativo da tradição de fé, deve se apropriar dos textos das Escrituras – do Antigo e Novo Testamento – como urgência pastoral e não apenas teórica:

“Sem dúvida, a falta de formação teológica, particularmente bíblica, da grande maioria dos cristãos, é um dos fatores responsáveis por concepções da revelação

<sup>541</sup> As citações das Escrituras usadas por Paulo em sua pregação oral poderiam variar conforme o tipo de assembleia – judeus-palestinoses, judeus-helênicos, gentios-cristãos –; porém em sua pregação escritas, as cartas do Novo Testamento, o mais confiável e comum aos seus leitores era o uso da LXX: “Sua Bíblia é a Bíblia dos Setenta, mesmo quando emprega certos recursos da exegese rabínica” (CERFAUX, L. *O Cristão na Teologia de Paulo*, p. 31); cf. DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 42.

<sup>542</sup> Cf. FRANCISCO, E. D. F. *Manual da Bíblia Hebraica*, p. 374.

<sup>543</sup> JUSTINO DE ROMA, *Diálogo com Trifão*, 28,2.

<sup>544</sup> Cf. DOUGLAS, J. D. (Org.), *O Novo Dicionário da Bíblia*, 1326; A LXX tem relevância teológica para os Pais da Igreja; “também dos Padres latinos mediante a ‘Vetus Latina’”, uma tradução da LXX (SIMIAN-YOFRE, H. (Coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 55); MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*, p. 875.

<sup>545</sup> Em Is 7,14 o termo hebraico ‘*almâ*’ = jovem é substituído pelo grego *parthénos* = virgem (cf. BÍBLIA. *Septuaginta*, p. LVII); o conceito de “hipóstase” tão caro a cristologia encontra sustentação nas Escrituras graças a ὑπόστασις na LXX (CARO, J. M. S. (Coord.). *A Bíblia e seu Contexto*, p. 422); “os primeiros cristãos atribuem a Jesus Cristo exaltado a predicação divina da LXX, o título de Kyrios – Fl 2,11” (EICHER, P. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, p. 425).

<sup>546</sup> Cf. *infra*, 5.1.2., p. 99 ss; 5.1.3., p. 105.

<sup>547</sup> Um discurso que vem se tornando comum e “moderno” é afirmar que todas as religiões são boas, tudo que fala de Deus é bom. O gnosticismo também ensinava sobre Deus, mas negava a tradição de fé; o cristianismo primitivo, então, o rejeitou.

heterodoxas ao cristianismo. A evangelização, portanto, precisa ser mais explicitamente respaldada pelas Escrituras”.<sup>548</sup>

É provável, mas não demonstrável, que sem as Ἱερὰ Γράμματα e sua leitura sob a ótica do evento Pascal [διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ], não haveria pensamento cristão, sem pensamento cristão não haveria teologia cristã, sem teologia cristã não haveria inteligência cristã, sem inteligência cristã não haveria raciocínio cristão, sem raciocínio cristão não haveria exegese cristã,<sup>549</sup> sem exegese cristã haveria o fundamentalismo – contra valor – na Igreja inteira e não em alguns momentos e/ou movimentos:

“O problema de base dessa leitura fundamentalista é que recusando levar em consideração o caráter histórico da revelação bíblica, ela se torna incapaz de aceitar plenamente a verdade da própria Encarnação. O fundamentalismo foge da estreita relação do divino e do humano no relacionamento com Deus”.<sup>550</sup>

Assim, o fundamentalismo na sua fixação escriturística acaba por negar às Sagradas Escrituras uma peculiaridade sua: o estar em constante movimento entre Deus e os homens – valor teologal e dialogal – sua dimensão dinâmica.

O oposto ao fundamentalismo pode ser o academicismo exegético. Neste, as Sagradas Escrituras não se realizam como instrumento para formação do povo [ὠφέλιμος πρὸς διδασκαλίαν, πρὸς ἐλεγμὸν, πρὸς ἐπανόρθωσιν, πρὸς παιδείαν τὴν ἐν δικαιοσύνῃ]. Seu risco é tornar a mensagem da Escritura pastoralmente estéril ou apenas para o deleite de poucos iniciados: “só quando for superada a ruptura entre a aproximação acadêmica à Escritura e os problemas cotidianos, ou seja, entre o estudo de gabinete e a luta cotidiana pela existência, poder-se-á dizer que o estudo da Escritura atingiu o seu objetivo”.<sup>551</sup> Seria salutar àqueles que se esmeram no estudo exegético e teológico, para cumprir o objetivo das Escrituras e dar sentido aos seus estudos, “permanecer próximos da pregação da palavra de Deus, quer consagrando uma parte de seu tempo a este ministério, quer mantendo relações com aqueles que o exercem e ajudando-os com publicações de exegese

<sup>548</sup> BRIGHENTI, A. *O Gnosticismo na Igreja Antiga e na Atualidade*, p. 643.

<sup>549</sup> “Por sua natureza a fé se apela à inteligência, porque desvela ao homem a verdade sobre o seu destino e caminho para o alcançar” (CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ, *Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo*, 6).

<sup>550</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, pp. 83-84

<sup>551</sup> EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 207; cf. WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 311

pastoral”.<sup>552</sup> As Epístolas Pastorais, ambiente literário da expressão *Hiéra Grammata*, exigem dedicação pastoral: “proclama a Palavra, insiste oportuna ou inoportunamente, convence, repreende, exorta, com toda paciência e com preocupação de ensinar” (2Tm 4,2; 1Tm 4,6). Igualmente, as Ἱερά Γράμματα exigem, por natureza e finalidade, que o seu uso se torne um serviço à Igreja, ao povo de Deus redimido por Jesus Cristo, centro e ápice das Escrituras – que “veio para servir e dar a vida em resgate por muitos” (Mt 20,28).

Jesus Cristo, fez uso das Escrituras em seu ministério, em seus ensinamentos.<sup>553</sup> A Igreja, então, para ser coerente com seu Mestre e Senhor, e com a prerrogativa da encarnação, deve promover de fato, e não apenas de direito,<sup>554</sup> uma teologia “encarnada” das Ἱερά Γράμματα, ou cuja alma seja a Escritura. Em concreto: “A Escritura Santa deve, então, ser o *hègemonikon* da teologia; isto significa que dela devem partir as interrogações e os impulsos, estabelecendo desde já para as teses uma moldura (um plano), existente de antemão”.<sup>555</sup> O peso da citação recai na afirmação de que a Escritura é o princípio que governa a teologia [ἡγεμων] e não o contrário, e, portanto, ela necessita ser como o *tópos* e o *leitmotiv* para a Igreja, a base do seu raciocínio e de sua identidade teológica.<sup>556</sup> Assim, em princípio: todo plano pastoral e todo documento eclesial, toda tese e todo artigo, todo exame e toda correção, toda decisão e toda revisão deveriam ser submetidos objetiva e conscientemente à força e ao poder sagrado dos textos [Ἱερά/δυναμένα] que contém sabedoria [σοφία] para, no mínimo, tentar agir o mais próximo possível da inspiração divina, na vontade divina, pois “toda a Escritura é inspirada por

<sup>552</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 19; cf. p. 112 e 130).

<sup>553</sup> “Para ele [Jesus] é característico um uso instrumental da Escritura. Nisso, a Escritura serve como meio para fins diversos” (TEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus Histórico – Um Manual*, p. 384).

<sup>554</sup> “Ora, as Sagradas Escrituras contêm a palavra de Deus; por isto, o estudo das Sagradas Páginas seja como que a alma da Sagrada Teologia” (CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 24).

<sup>555</sup> “L’Ecriture Sainte doit donc être l’*hègemonikon* de la théologie; c’est d’elle que doivent partir les interrogations et les impulsions, et il ne faut pas y chercher seulement des arguments pour des thèses déjà établies et un cadre déjà existant” (MUSSNER, F. *Histoire de l’Herméneutique*, p. 84). Mussner quer entrelaçar nesta determinação os ensinamentos de Leão XIII e Bento XV com as do Concílio.

<sup>556</sup> “os *topoi* oferecem elementos para desenvolver um raciocínio ou uma trama” (SILVA, C. M. D. et. alii. *Metodologia de Exegese Bíblica*, pp. 243-246).

<sup>557</sup> “Para evitar o subjetivismo uma boa atualização deve ser fundada sobre o estudo do texto e o pressupostos de leitura devem ser constantemente submetidos à verificação do texto (...) A Bíblia é uma manifestação privilegiada desse processo [de interpretação], que ela contribui para realizar e do qual ela continua a ser reguladora (...) Para bem conduzir a atualização, a interpretação da Escritura pela Escritura é o método mais seguro e mais fecundo” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 92; 104; 142).

Deus” [πᾶσα γραφὴ θεόπνευστος]. Enfim, como as Sagradas Escrituras formam e enquadram o núcleo central no diagrama estrutural da perícopé,<sup>558</sup> assim ela precisa estar na estrutura da Igreja, enquadrando/regulando as decisões eclesiais no âmbito de toda Escritura, ou seja, de forma θεόπνευστος, para ser ou se tornar cada vez mais a Igreja do projeto de Jesus, que é o projeto das Sagradas Escrituras: τὰ ἱερὰ γράμματα οἶδας, τὰ δυνάμενά σε σοφίσαι εἰς σωτηρίαν διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ.<sup>559</sup>

As Ἱερὰ Γράμματα são o pólo de discernimento teológico da Igreja, não exclusivo, mas o principal.<sup>560</sup> Principal porque seus textos “têm Deus como autor e nesta sua qualidade foram confiados à mesma Igreja”; principal porque “os livros da Escritura ensinam com certeza, fielmente e sem erro a verdade de Deus em vista da nossa salvação”,<sup>561</sup> bem coerente com o acusativo salvífico das Sagradas Escrituras [εἰς σωτηρίαν]. Outra razão para a utilização da Escritura como ponto de estabilidade teológica é que seus “textos cessaram de ser simplesmente inspiração de autores particulares; eles se tornaram propriedade comum do povo de Deus”.<sup>562</sup> Em meio à ventania de opiniões teológicas individualistas e posições religiosas extremadas, que mais confundem que edificam o povo de Deus, “a Escritura deve ela mesma ser uma fonte de consenso sobre questões essenciais”,<sup>563</sup> se a Escritura não chega a ser esta fonte de consenso, a responsabilidade não recai sobre ela, pois a *priori* sua intenção é “dar sabedoria para salvação”, mas das “opiniões hermenêuticas que orientam a interpretação e podem ser tendenciosas”.<sup>564</sup>

A Igreja deve, por fim, usar toda a Escritura como argamassa de sua teologia e catequese (v. 16), mas esta base escriturística não é exclusiva, o que parece ser um pouco óbvio dizê-lo, porém, necessário para evitar qualquer tipo de extremismo; pois há instrumentos variados – filosóficos, sociológicos, psicológicos –

<sup>558</sup> Cf. infra 4.2., *diagrama estrutural*, p. 63-64.

<sup>559</sup> "Não se trata de inventar nenhum 'programa novo'. O programa já existe: é o mesmo de sempre, expresso no Evangelho e na Tradição viva. Concentra-se em última análise, no próprio Cristo, que temos que conhecer, amar, imitar, para nele viver a vida trinitária e com ele transformar a história até a plenitude na Jerusalém celeste" (JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, 29).

<sup>560</sup> Mesmo o Magistério da Igreja Católica deve submeter-se as Sagradas Escrituras: “Todavia, tal Magistério não está acima da Palavra de Deus, mas a serviço dela, não ensinando senão o que foi transmitido” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 85).

<sup>561</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 11.

<sup>562</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 114.

<sup>563</sup> FITZMYER, J. A. *A Bíblia na Igreja*, p. 88.

<sup>564</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 43.

cujos métodos podem ser úteis, e o são de fato, para a exegese e a teologia.<sup>565</sup> Como última instância vale o ensinamento das Escrituras: “quem não é contra vós está a vosso favor” (Lc 9,50), então, as outras ciências são bem vindas, mesmo não sendo disciplinas teológicas; contudo, diz a Escritura: “Quem não está a meu favor, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa” (Mt 12,30), daí prudência no uso e como se usam tais disciplinas para fazer a fé e o pensamento da Igreja progredir,<sup>566</sup> não estacionar, não regredir, nem sair do objetivo elementar das Sagradas Escrituras: dar sabedoria para salvação [τὰ ἱερὰ γράμματα οἶδας, τὰ δυνάμενά σε σοφίσαι εἰς σωτηρίαν].<sup>567</sup>

#### 5.2.4. Ἱερὰ Γράμματα – Exigência Sagrada na Igreja.

As Escrituras, por seu conteúdo simbólico, despertam um sentimento religioso, um sentido do sagrado, e este, por sua vez, acarreta à devoção. Esta devoção, segundo o sentido teológico do texto estudado (2Tm 3,14-17), é bem mais que atos extrínsecos e formais: é fidelidade à tradição recebida e à sua justa transmissão.

A Igreja se inclina em direção às Escrituras como um bem que lhe apetece por lhe ser espiritualmente conveniente. Foi dito “se inclina” e não “é inclinada” em direção às Escrituras porque, devido à natureza dos seus membros, esta é uma opção *a fortiori* [voluntária]. Amar as Escrituras é um bem para a Igreja por motivos variados, dentro do contexto da dissertação porque ela pode dar sabedoria para salvação [τὰ δυνάμενά σε σοφίσαι εἰς σωτηρίαν], porque é útil [ὠφέλιμος],

<sup>565</sup> “A Palavra eterna encarnou-se em uma época precisa da história, em um ambiente social e cultural bem determinado. Quem deseja entendê-la deve humildemente procurá-la onde ela se tornou perceptível, aceitando a ajuda necessária do saber humano” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 159).

<sup>566</sup> Deus criou o mundo para que o homem o “dominasse” e dele fizesse sua cultura. Os homens, possuindo a imagem e semelhança do Criador, adquirem, de um ou outro modo, a capacidade cultural de criar, portanto sua palavra e sua escrita são criativas. De modo semelhante Deus “criou” as Sagradas Escrituras [πᾶσα γραφή θεόπνευστος] utilizando-se da criatividade do homem, da inspiração humana [“ἄνθρωποσπνευστος”]. A Escritura Sagrada, então, possuindo também uma dimensão humana, é limitada aos aspectos culturais e históricos dos hagiógrafos, logo, carece de adaptação para que seu sentido teológico alcance, o quanto possível, os homens e as mulheres em todos os tempos e ambientes: “a interpretação da Bíblia deve ter igualmente um aspecto de criatividade e afrontar as questões novas, para respondê-las partindo da Bíblia” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 111).

<sup>567</sup> “A exegese [a teologia] produz seus melhores frutos quando ela se realiza no contexto da fé viva da comunidade cristã, que é orientada em direção à salvação do mundo inteiro” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 138).

porque consola... mas, e sobretudo, amar as Escrituras é essencial porque elas são ἱερὰ [sagradas]

A força sagrada das Ἱερὰ Γράμματα vem da sua relação intrínseca com o Deus três vezes Santo: “Santo, Santo, Santo é Iahweh dos Exércitos, a sua glória enche a terra” (Is 6,3); relação intrínseca, vale repetir, em função do seu sentido teológico [πάσα γραφή θεόπνευστος]. Diante de sua santidade há reações: “Ai de mim, estou perdido! Porque sou um homem de lábios impuros” (Is 6,5); “Era algo semelhante à glória de Iahweh. Ao vê-la, caí com o rosto em terra” (Ez 1,28); “Tendo-me ele falado essas coisas, inclinei meu rosto para o chão e emudeci” (Dn 10,15); “O publicano, mantendo-se à distancia, não ousava sequer levantar os olhos para o céu, mas batia no peito dizendo: ‘Meu Deus, tende piedade de mim, pecador!’” (Lc 18,13); “Ao vê-lo, caí como morto a seus pés” (Ap 1,17). A força sagrada das Escrituras reflete, nos que crêem, esta “terrível” santidade de Deus, e convida a Igreja a respeitá-la e amá-la como expressão de temor a Deus e a sua Palavra, o Senhor Jesus Cristo, “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Ap 19,26).

Os Pais da Igreja captaram essa santidade das Escrituras. A carta de *Clemente aos Coríntios* deixa certa margem para interpretar a consideração da igreja pós-apostólica para com as Sagradas Escrituras, quando ele diz: “Vós vos curvastes [ἐγκύφατε] sobre as Sagradas Escrituras [ἱερὰς γραφάς], as verdadeiras escrituras (dadas) através do Espírito Santo [διὰ τοῦ πνεύματος τοῦ ἁγίου]” (45,2); e “Caríssimos, conheceis, e conheceis bem, as Sagradas Escrituras [ἱερὰς γραφάς], e vos inclinastes [ἐγκύφατε] sobre as palavras de Deus [λόγια τοῦ θεοῦ]. Nós vos escrevemos essas coisas para recordar” (53,1). Sincronizando os dois versos, resulta que as Escrituras são λόγια τοῦ θεοῦ [palavras de Deus] porque são διὰ τοῦ πνεύματος τοῦ ἁγίου [através do Espírito Santo].<sup>568</sup> A dimensão divina das ἱερὰς γραφάς é o mote da atitude diante das Escrituras: ἐγκύφατε [inclinação], usada nos dois versos, vale notar. Ἐγκύφατε vem da junção ἐγ-κύπτω, ou seja, do prefixo substituto da preposição ἐν mais o verbo κύπτω / κυφός [inclinar-se, dobrar-se].<sup>569</sup> Essa expressão é encontrada em Platão, Heráclito e Aristóteles, algumas vezes sugerindo o sentido de vênia; e apenas uma vez na LXX (Dn 14,40), com a

<sup>568</sup> A proposição harmoniza-se ao quadro paradigmático da análise estrutural (cf. 4.2.2, p. 71-72) onde fica evidente, em ordem semiótica, a força de θεόπνευστος // θεός na composição orgânica das Escrituras e especialmente em seu sentido sagrado (ἱερὰ).

<sup>569</sup> Cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 142, 279.

mesma tradução da carta de Clemente aos Coríntios acima descrita.<sup>570</sup> Os lexemas afins, ἐγκεκύφατε/ἐγκύπτω/κυφός, possuem uma configuração estranha ao Novo Testamento aparecendo duas vezes na forma κύψας em Mc 1,7 e Jo 8,6.<sup>571</sup> Em João, trata-se da enigmática narrativa em que Jesus se inclina até o chão para escrever com o dedo na terra: “Mas Jesus, inclinando-se [κύψας], escrevia na terra”. Em Marcos, o sentido é de reverência concedida por João Batista a Jesus e sua missão: “Após mim vem aquele que é mais forte do que eu, do qual não sou digno de, abaixando-me [κύψας], desatar a correia das suas sandálias”. Esta inclinação respeitosa, testemunhada no texto de Marcos, é condizente com o espírito com que os Santos Padres se dedicavam às Sagradas Escrituras: “Os Padres consideravam a Bíblia antes de tudo como Livro de Deus”,<sup>572</sup> daí da veneração e do uso contínuo.

A Igreja entende que o adjetivo ἱερά expressa a santidade divina e manifesta esta verdade em sua doutrina: “Na Sagrada Escritura, portanto, manifesta-se resguardada sempre a verdade e a santidade de Deus (...) A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, da mesma forma como o próprio Corpo do Senhor”.<sup>573</sup> Com o apoio da própria Escritura, da tradição e da Constituição pode-se dizer que ἱερά possui uma dimensão supramundana, oposta ao profano, isto, evidente, não devido a γράμματα, mas a ação de *Theós* do adjetivo verbal *theopneustos*.

A veneração às Escrituras Sagradas, à qual a Igreja é solicitada a praticar, não pode tornar-se pietismo fundamentalista: as Escrituras não podem ser “tocadas” pela interpretação científica; nem lirismo religioso: fazendo dela apenas musa das composições musicais; tão pouco instrumentalização acadêmica: “um reservatório de *dicta probantia*, destinado a confirmar teses doutrinárias”.<sup>574</sup> A insinuação do amor que se pede às Escrituras, como um bem na e da Igreja, além do respeito às suas palavras (Dt 5,11), é um amor pragmático: “Tu, porém, permanece no que aprendeste e creste” (v. 14 a). Amar as Escrituras é permanecer na tra-

<sup>570</sup> Cf. BIBLEWORKS7 (*Greek-English Lexicon of the Septuagint*, Compiled by Johan Lust, Erik Eynikel, Katrin Hauspie).

<sup>571</sup> Κύψας [*kypsas*]: verbo no participio aoristo ativo, do caso nominativo masculino singular de κύπτω [*kyptō*] (cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 279).

<sup>572</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 117.

<sup>573</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, 13; 31.

<sup>574</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, pp. 137-138.

dição das Escrituras, no seu núcleo [*S<sup>ma</sup>*] em Jesus Cristo; devoção às Escrituras é estar na justiça [ἐν δικαιοσύνη] das Escrituras: fidelidade ao Senhor [κύριος];<sup>575</sup> venerar as Escrituras é utilizá-la “para o ensino, para a persuasão, para a correção, para a educação na justiça” (v. 16 b), a fim de que ela possa cumprir sua missão na Igreja: pôr-se a serviço do povo de Deus.<sup>576</sup> Se a palavra de Deus [λόγος τοῦ θεοῦ] é eficaz [ἐνεργῆς] (Hb 4,12), a sua veneração tem que ser eloqüente e eficiente, correspondendo ao uso mais “profissional” e criativo da transmissão e pregação dos textos bíblicos. Porém, tal empreitada seria um desastre em termos evangélicos (Mt 7,24-27) se o povo de Deus não “dobrar-se” [ἐγκεκύφατε] à força sagrada das Escrituras, que, em linguagem cristã direta, chama-se conversão: “Tornai-vos praticantes da Palavra e não simples ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1,22).

*Diacronia:* Toda a Escritura inspirada por Deus foi útil para a igreja de Éfeso como ferramenta apostólica para consertar os erros dos falsos mestres e a bússola pastoral do Espírito para guiar a comunidade cristã ao longo da sua jornada pelos caminhos da história. *Sincronia:* A Igreja de hoje, estando sob situações semelhantes, é exortada a contribuir com a herança de fidelidade dos cristãos de Éfeso, permanecendo fiel à tradição recebida; e um meio para fazer jus a este legado é àquele já estipulado por Deus: τὰ Ἱερὰ Γράμματα οἶδας.

<sup>575</sup> Cf. infra: análise do vocábulo ἐν δικαιοσύνη na base do diagrama, 4.2.3., pp. 78-80.

<sup>576</sup> Um exemplo desse serviço que a Escritura presta à Comunidade de Israel: “Então o sacerdote Esdras trouxe a Lei diante da assembléia, que se compunha de homens, mulheres e de todos os que tinham o uso da razão (...) ele leu o livro desde a aurora até o meio-dia, na presença dos homens, das mulheres e dos que tinham o uso da razão: todo povo ouvia atentamente a leitura do livro da Lei (...) O escriba Esdras estava sobre um estrado de madeira, construído para a ocasião (...) Esdras abriu o livro à vista de todo povo – porque estava acima de todo povo – e quando ele o abriu todo o povo se pôs de pé (...) e depois inclinaram-se e prostraram-se diante do Senhor, com o rosto em terra (...) explicaram a Lei ao povo, enquanto o povo estava de pé. E Esdras leu no livro da Lei de Deus, traduzindo e dando o sentido: assim podia-se compreender a leitura (...) disse ao povo: ‘Hoje é um dia consagrado ao Senhor, vosso Deus! Não vos entristeçais nem choreis!’ É que todo o povo chorava ao ouvir as palavras da Lei (...) Disse-lhes ainda: (...) ‘Não vos aflijais: a alegria do Senhor é a vossa fortaleza’ (...) expandiram em grande alegria: pois haviam compreendido as palavras que lhes foram comunicadas” (Ne 8,2-12).